

PERSPETIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.

NITIDEZ: RECUPERANDO A PRESENÇA DAS NOSSAS IMAGENS

Luís Afonso

ENSAIO

Rúben Neves

ENTREVISTA

Duarte Sol

4 POR 3

Carlos Tenente

José Valverde

Pedro Crispim

ÂNGELO JESUS

MÁRIO CUNHA

MIGUEL SERRA

NUNO LUÍS

RICARDO SALVO

RÚBEN NEVES

TIAGO MATEUS

Editorial.



Comecei esta revista para chegar até ti de uma forma mais estruturada, longe da superficialidade das redes sociais e da aleatoriedade do seu conteúdo. Precisava partilhar contigo pensamentos e fotografia de uma forma que fizesse sentido para mim, na esperança que fizesse sentido para ti. Os primeiros números apresentaram apenas temas da minha autoria, mas cedo senti a necessidade de alargar horizontes: os meus e os teus. Por essa razão, convidei pessoas que admiro, companheiros de campo, fotógrafos que têm algo a dizer. O meu anseio era poder reunir nesta revista o melhor que se faz de fotografia de natureza em Portugal. E esse momento chegou hoje.

Esta edição apresenta um momento de viragem. A revista não é mais a “minha”. Passou a ser um projeto de várias pessoas. Estou certo que isto será apenas o começo, no intuito de tornar esta publicação numa referência em Portugal.

Como podem verificar pelo índice, existem novas secções. O Nuno Luís passa a assinar uma coluna chamada “Convergências”, enquanto o Miguel Serra ocupa o meu lugar na secção “Por Detrás da Imagem”. O Mário Cunha vai falar-nos sobre “A Nossa Natureza” como fotógrafos e que impacto têm as escolhas que fazemos na nossa fotografia, enquanto o Tiago Mateus vai contar-nos tudo sobre a sua “Viagem Monocromática”, em que se propõe fotografar a preto e branco durante um ano. Finalmente, o Rúben Neves, que gosta tanto de livros como eu, passa a assinar a coluna “Da Minha Estante”. Mantêm-se as colunas do Ângelo Jesus e do Ricardo Salvo e passam a existir três secções abertas à participação de todos: “4 por 3”, para onde podem e devem enviar as vossas propostas de quatro fotografias ligadas por algo em comum; “Ponto de Vista”, onde podem enviar os vossos artigos sobre Fotografia, Arte ou Natureza; “Ensaio”, onde um fotógrafo será convidado a partilhar um portefólio coerente sobre um determinado tema.

Tudo começará sempre com uma entrevista, como a desta edição com o fotógrafo madeirense Duarte Sol. Espero que esta mudança vos inspire a ir sempre mais longe e a abraçar esta arte com paixão. Eu serei sempre alguém que vai dar a cara por este projeto e qualquer comentário ou sugestão podem enviar para a minha caixa de correio. Será sempre bem recebida.

Boa leitura e boas fotografias para todos. A primavera está quase aí!

Esta revista é editada por
Luís Afonso.

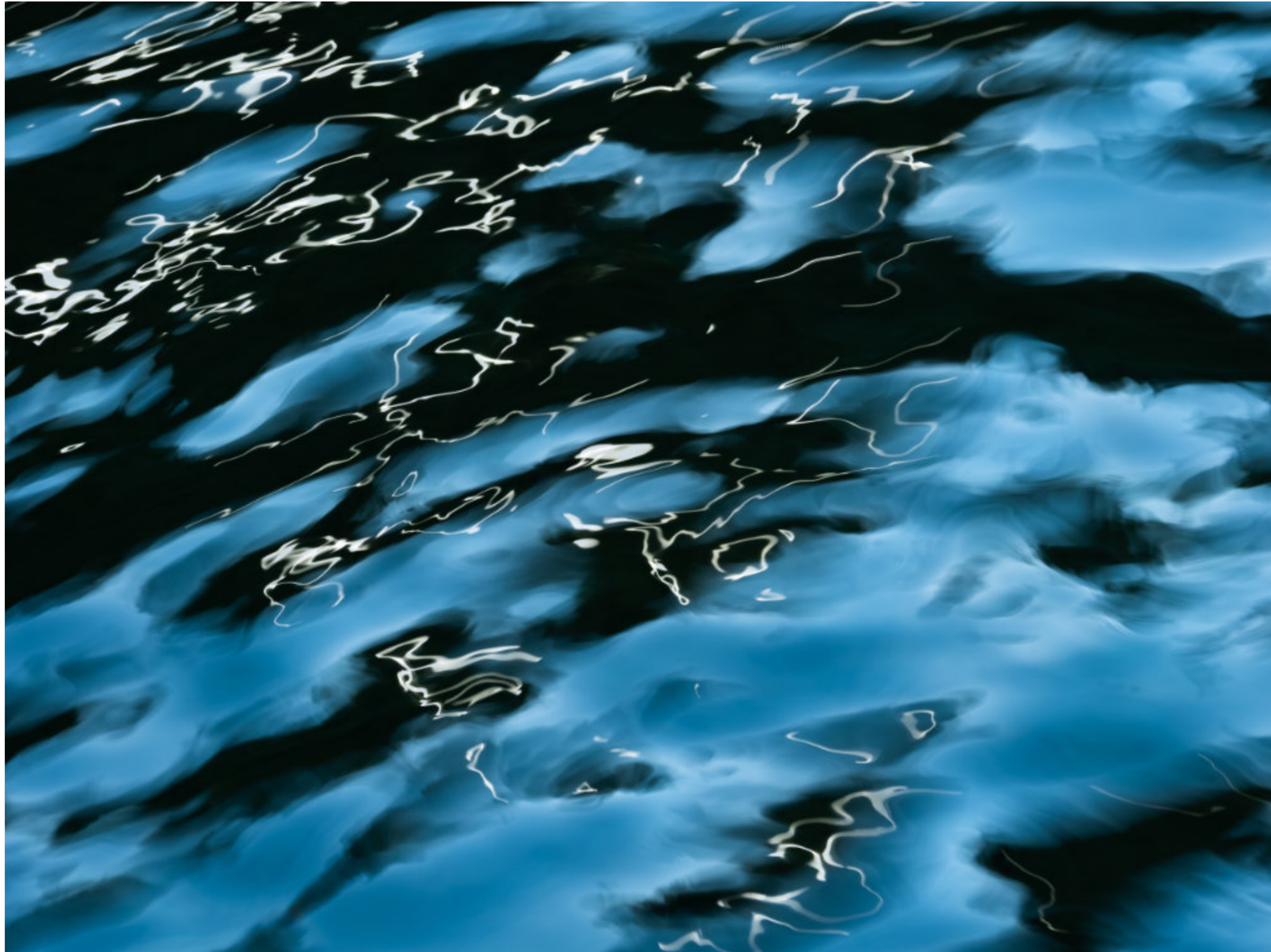
A reprodução total ou parcial, em qualquer meio, é estritamente proibida.

Os direitos de autor do conteúdo aqui apresentado permanecem com os seus proprietários, sendo o mesmo publicado com a necessária permissão.

Colaboraram nesta edição:
Ângelo Jesus, Carlos Tenente, Duarte Sol, José Valverde, Mário Cunha, Miguel Serra, Nuno Luís, Pedro Crispim, Ricardo Salvo, Rúben Neves e Tiago Mateus.

Revisão:
Coletivo Editorial

www.luisafonso.com
© Luís Afonso, 2023



© **Mário Cunha**, 2022. O mais importante de uma imagem não é aquilo que ela mostra, mas aquilo que ela permite ver. As histórias que se encerram dentro de uma fotografia serão sempre maiores do que aquelas que estavam dentro do fotógrafo quando este premiu o botão do obturador.

Índice.

01

p. 5-22

ENTREVISTA
Duarte Sol

Nesta edição, Luís Afonso entrevista Duarte Sol, um fotógrafo madeirense que leva as imagens da paisagem da sua ilha aos quatro cantos do mundo. Para si, estar rodeado de água por todo o lado não é razão para falta de motivação para fotografar e criar. Antes pelo contrário!

02

p. 23-25

PONTO DE VISTA
É P'ra Amanhã

Quantas vezes já perdeu uma oportunidade por deixar para outro dia uma fotografia que só podia ser feita naquele momento? Saiba que não está sozinha ou sozinho nesse modo de agir e como vencer essa situação e não deixá-la tornar-se num hábito.

03

p. 26-30

CONVERGÊNCIAS *por Nuno Luís*
A Inevitabilidade da Evolução Tecnológica

A Inteligência Artificial veio para ficar e o tema é controverso. Será que uma fotografia produzida por um algoritmo que tem por base milhares de outras imagens é uma criação ou é apenas plágio? E como podemos beneficiar desta tecnologia?

04

p. 31-34

GRANDE ANGULAR *por Ricardo Salvo*
Quanta Beleza Existe Numa Fotografia?

Existe beleza em tudo? A Fotografia é uma arte que nos desafia a procurar transmitir numa imagem um estímulo visual com um propósito, mas esse propósito tem de estar associado obrigatoriamente ao que é belo? Ou a beleza pode ser simplesmente imaginada e não evidente?

05

p. 35-46

ENSAIO
Rúben Neves

Representação ou interpretação? Será que a fotografia serve apenas para mostrar o que é real ou poderá ser o caminho para mostrar aquilo que sentimos e como sentimos? Neste ensaio, o fotógrafo Rúben Neves leva-nos numa viagem ao que a natureza também pode ser.

06

p. 47-49

POR DETRÁS DA IMAGEM *por Miguel Serra*
Caminhos Gélidos

Esta secção passa a estar entregue ao Miguel Serra que nos vai desvendar as histórias por detrás das imagens mais icónicas que já criou. A primeira foi realizada em pleno inverno, no Parque Natural da Serra da Estrela, onde o gelo, por vezes, constrói formas que só o olhar humano consegue entender.

07

p. 50-55

A NOSSA NATUREZA *por Mário Cunha*
Quente ou Frio?

Nesta nova secção o Mário Cunha vai desvendar-nos o que está por detrás de muitas das escolhas que fazemos quando captamos ou processamos as nossas imagens. E a primeira dessas escolhas é a temperatura de cor e o que ela aporta às nossas fotografias.

08

p. 56-64

A VIAGEM MONOCROMÁTICA *por Tiago Mateus*
Os Pensamentos que nos Atormentam e as Ideias Geniais.

Mais um nova secção, desta vez pela pena e pelo olhar do Tiago Mateus, que se desafiou a si próprio a estar um ano a fotografar apenas a preto e branco. Será que vai conseguir resistir às cores do outono e da primavera? Vamos ficar para ver.

09

p. 65-77

SAÍDA DE CAMPO *por Ângelo Jesus*
Nas Margens do Rio Sousa

Neste número o Ângelo leva-nos de novo às Serras do Porto, desta vez para andar com os pés molhados dentro do Rio Sousa. Se pensa que apenas as árvores entram no imaginário do Ângelo está na hora de lhe mostrarmos que nem só de madeira vive a criatividade deste autor.

10

p. 78-85

TÉCNICA
Nitidez: Recuperando a Presença das Nossas Imagens

Aumentar a nitidez das nossas fotografias é um passo fundamental no fluxo de pós-processamento de qualquer fotógrafo. Fique a perceber como fazê-lo no Lightroom Classic e como a inteligência artificial também pode dar uma mão muito valiosa.

11

p. 84-85

DA MINHA ESTANTE *por Rúben Neves*
“The Last Great Wild Places”, Thomas D. Mangelsen

O aclamado fotógrafo de natureza e vida selvagem compilou em livro o esplendor dos locais mais inóspitos que encontrou na sua vida fotográfica e partilha a intimidade de animais selvagens que lhe foram fazendo companhia numa travessia de quase meio século. Um exemplar, e um exemplo, de conservação e inspiração para qualquer fotógrafo.

12

p. 86-101

4 POR 3
Carlos, José & Pedro

Nesta secção, tu és o protagonista. São quatro imagens, de três fotógrafos. Mas não são imagens aleatórias. São imagens com algo que as une e que se espelha no texto que cada um escreve para as acompanhar. Obrigado aos que, nesta edição, quiseram mostrar ao mundo um pouco da sua arte.

Duarte Sol. Entrevista.



Duarte Sol.

Vive rodeado de mar, mas nem por isso deixa de ter à mão alguma da paisagem mais singular do planeta. Acredita que uma boa composição é o elemento chave de uma grande fotografia, mas não deixa de procurar a melhor luz, nem que isso implique voltar ao local vezes sem conta. Descubra o que apaixonou este madeirense a fazer da fotografia de paisagem natural o seu escape favorito.

Entrevista por **Luís Afonso**. Fotografias de **Duarte Sol**.

Como foi a tua infância e juventude?

Tive uma infância feliz, numa família que, desde muito cedo, me incutiu o sentido de dever e responsabilidade. Guardo boas memórias das brincadeiras com os primos, da minha bisavó, a quem carinhosamente chamávamos avó velhinha, e da partilha de histórias sobre os meus antepassados.

Sobre a minha juventude, ter tido a possibilidade de estudar em Coimbra, com toda a tradição e espírito académico, foi o momento mais marcante. Fiz amizades que perduram até hoje e que prezo imensamente.

E o teu contacto com a fotografia nesse período?

Tenho de admitir que foi pouco ou nenhum, estando apenas presente, como fotografado, nos

registos de momentos em família feitos pelos meus pais.

Mais tarde, comecei a apreciar fotografia, apesar de não ter o impulso de a fazer. Das primeiras lembranças, as mais impactantes foram os trabalhos do mestre Sebastião Salgado e do Steve McCurry.

Ainda te lembras das primeiras fotografias que fizeste?

Foram de natureza e alguns retratos do quotidiano. Recordo-me que fiquei com aquela sensação de principiante, uma mistura de curiosidade e incerteza se o resultado, alguma vez, seria interessante. Lembro-me igualmente de fazer experiências com o fumo dos paus de incenso. As formas abstratas, em contraste com o fundo negro, criavam imagens fluidas e de uma poderosa simplicidade que me tocaram.

Tu especializaste-te em fotografia dos grandes cenários naturais. Sempre foi esse o teu interesse?

A fotografia surge como uma forma de contrabalançar a exigência do meu trabalho como economista. Representa um escape que me ajuda a descomprimir no final de um dia, aos fins de semana, durante as férias. Das várias atividades que fiz, na procura desse equilíbrio, a fotografia foi a que sobreviveu, não sem que, ainda assim, tivesse as suas próprias tribulações.

Comprei a minha primeira *reflex*, uma Canon EOS 400D, em 2010 e passei a fotografar de tudo um pouco, sem me especializar em nada, sem sentir nenhum apelo em particular. A macrofotografia, o retrato, a fotografia de paisagem e a fotografia de rua foram as áreas a que dediquei a minha atenção, mas que não desper-

taram em mim a vontade de continuar. Em 2012, com outra maturidade, regressei com mais propósito e acabei por focar a minha atenção na fotografia de paisagem, com maior relevo para a paisagem costeira. Sendo natural da Ilha da Madeira, tentei aproveitar ao máximo a beleza que a ilha tem para oferecer e inspirei-me nos seus cenários naturais que enriquecem, de forma simples, as composições fotográficas que gosto de escolher.

Podes descrever-nos a tua experiência no terreno? Qual é o teu processo de encontrar uma fotografia? Vais aos lugares antecipadamente tirar notas?

O *scouting* é essencial. Porém, é preciso entender que, com as ferramentas que temos hoje disponíveis, esse *scouting* não é feito da mesma maneira que em 2012. Quando está na equação a visita a um local pela primeira vez tento recolher o máximo de informação sobre o mesmo, *online*, aprendendo com quem conhece o terreno, avaliando os registos disponíveis e tentando perceber como poderá ser a minha abordagem a esses lugares. Sabemos que, com a quantidade de imagens disponíveis na internet, é sempre difícil inovar, em particular nos locais mais conhecidos. Mas é exatamente esse o meu propósito, recolher uma ou várias imagens que tenham um cunho pessoal e não apenas mais uma, como “milhentas” outras. Copiar composições não combina bem comigo apesar de, como é óbvio, recolher inspiração de muitos fotógrafos que sigo e aprecio.

No que concerne à minha experiência no terreno, tenho de reconhecer que amadureceu com o tempo. No início era extremamente impulsivo, diria até obstinado, na busca de uma composi-

ção diferente que se destacasse das outras. Mas isso colocava-me a mim – e ao próprio equipamento – muitas vezes em risco e percebi, através de duas ou três más experiências, que não podia continuar a arriscar tanto. Com a idade veio alguma maturidade e a noção dos riscos que as várias experiências vividas me foram mostrando. Quando chego ao terreno, em especial numa primeira visita, faço uma pré-avaliação, muitas vezes sem câmara ou usando o telemóvel, tentando vários pontos de vista para perceber o que poderá funcionar ou não, para quando a luz chegar poder estar bem posicionado e assim ter as melhores hipóteses de sucesso. Costumo dizer que nada bate uma boa composição. Um grande céu causa impacto, mas sem uma boa composição que lhe dê suporte não passa disso mesmo, um grande céu. Quando conseguimos aliar uma grande composição a grandes condições de luz então aí surgem as grandes fotografias.

Na tua opinião, qual é o princípio mais importante de uma composição bem pensada em fotografia de paisagem natural?

Uma fotografia que funciona é algo que, mais do que respeitar as regras, é capaz de inspirar quem a observa, nem que seja apenas o desejo de conhecer um pouco melhor o local fotografado.

Ainda assim, compor é bem mais do que mostrar apenas imagens bonitas. É, acima de tudo, prender a atenção de quem vê nos pontos de interesse da fotografia, ou seja, aqueles que queremos destacar. A composição fotográfica acaba por ser a potenciação da organização dos elementos, de forma harmoniosa, dentro do enquadramento, levando em conta diversos fato-



Praia da Calheta, Porto Santo

Pág. seguinte:
Ponta de São Lourenço, Madeira

res como: luz, textura, contraste, profundidade de campo, posição dos elementos, plano de enquadramento, entre outros. Independentemente de qual é o mais importante, é o conjunto de todos eles que produz imagens verdadeiramente impactantes, que ficam na memória do espectador.

És daqueles que espera pela melhor luz ou simplesmente procuras outro assunto quando a luz não está boa.

Pretendo sempre a melhor luz mas, se numa determinada situação isso não for possível, não

desisto de fotografar. Acredito que, independentemente da luz com que nos deparamos numa saída fotográfica, é sempre possível trazer algo de volta, nem que seja a certeza que certas composições não funcionam. Já reparaste que quando a luz não está lá sobra apenas a composição? Não será o exercício de compor sem a melhor luz um exercício tremendamente desafiante que te permite evoluir enquanto fotógrafo?

Sem dúvida. E já voltaste a algum lugar para voltar a fazer a fotografia que querias com a luz que procuravas? Como é esse processo?

Em determinada altura da minha viagem na fotografia, descobri um lugar na Ilha da Madeira do qual nunca tinha visto fotografias ao pôr do sol. Um local de acesso bastante complicado, muito técnico e demorado. Lá fui numa primeira, numa segunda, numa terceira tentativa e nada, a luz insistia em não colaborar. Passaram-se meses e nem uma imagem dessas sessões foi publicada. A procura da melhor luz imperou e à quarta tentativa lá estava ela. Finalmente houve fotografias para mostrar. Vencer este obstáculo foi tremendamente gratificante, na medida em que as imagens que fiz nesse dia se identificam, de forma quase perfeita, com o sentimento e mensagem que queria partilhar do local.

Que bela história de perseverança. E por falar em histórias, queres escolher três das tuas imagens favoritas e partilhares connosco a narrativa por detrás delas?

Claro que sim! Uma das minhas fotografias favoritas ([pag. 17](#)) foi captada no porto palafítico da Carrasqueira e penso que funciona por vários motivos. Em termos de composição, os 12 mm permitiram captar todo o pontão que nos leva ao infinito. Emocionalmente, esta imagem lembra-me o desejo incessante que existia, muito tempo antes desta visita, de poder estar neste local e registá-lo da minha maneira.

A segunda fotografia ([pag. 18](#)) é do Porto Santo, um local que visito com alguma frequência mas que, a cada par de meses, muda de figura quase por completo. Nesta imagem tentei aproveitar as fantásticas formas do primeiro plano que, também fruto da sua cor, captam o olhar de quem vê e o conduz para o Ilheu da Cal, lá ao fundo. Acho que tenho um carinho especial por todas as fotografias feitas na ilha



do Porto Santo, por tudo o que aquela ilha representa para mim.

Finalmente, a terceira imagem ([pag. 19](#)), é de outro dos locais que habitaram, durante muito tempo, apenas na minha mente: a Capela do Senhor da Pedra. Adorei esta fotografia mal a vi no LCD da minha máquina. Para além da composição forte, ancorada na rocha à esquerda, penso que a escolha do preto e branco lhe conferiu ainda mais força. Este local já foi fotografado milhares de vezes mas, quando fiz esta fotografia, em 2013 ou 2014, nunca tinha visto nada remotamente parecido com esta composição, algo que me deixou orgulhoso.

Que importância tem o pós-processamento no teu fluxo de trabalho e quanto tempo demoras a editar cada fotografia? Que ferramentas usas?

O pós-processamento é uma parte importante do meu fluxo de trabalho, apesar de cada vez mais dedicar menos tempo a ele. Desde há alguns anos que uso, fundamentalmente, o Photoshop, coadjuvado por alguns *plugins*. Tenho dedicado cada vez menos tempo ao pós-processamento de cada fotografia para mantê-la o mais natural possível. Em determinadas situações preciso de vários dias para esta atividade, simplesmente porque não estou satisfeito com o resultado final ou porque não tenho a sensibilidade correta nessa ocasião para o resultado que tenho idealizado na minha cabeça. Diria que, em média, dedico, aproximadamente, 10 a 15 minutos por cada fotografia. Tento, na medida do possível, recolher os negativos nas melhores condições possíveis no local, o que depois acaba por facilitar o trabalho de pós-processamento.

E podes indicar-nos um desses *plugins* que consideras fundamentais e usa-lo para oferecer o quê à tua fotografia?

Refiro-me, de forma mais específica, aos pacotes fornecidos pela *Nik Software*. Acho que este tipo de *plugins*, quando usados de forma moderada, podem aportar mais valias à nossa fotografia. Facilitam alguns processos que, apesar de poderem ser alcançados através das ferramentas do Photoshop, nos são apresentados de forma mais simples e mais intuitivos, tornando a obtenção de resultados mais rápidos e eficientes. Torna-se útil para quem, como eu, valoriza mais o tempo a fotografar do que o tempo no computador.

Que momento escolhes para editar e processar as imagens? És daqueles que o faz mal chega a casa ou apenas passados uns dias?

Estou, absolutamente, no oposto dos fotógrafos que editam as suas fotografias logo após o momento em que as registam. Por vezes, demoro mais de um ano a olhar para os registos de uma determinada saída fotográfica! Muitas vezes por falta de tempo, outras porque acredito que algum distanciamento ajuda na altura da edição. Neste momento tenho, pelo menos, cinco saídas fotográficas das últimas semanas que ainda nem passei para o computador... Acho que é já um hábito enraizado em mim. Outro exemplo, a minha última viagem fotográfica aos Dolomitas foi em julho de 2022 e ainda só editei três fotografias, tendo publicado apenas uma delas.

Achas que viver numa ilha te retirou matéria prima em termos do que podes fotografar?

É uma pergunta ambivalente para uma resposta igualmente ambivalente. Por um lado, tenho uma tremenda sorte de viver numa terra que apresenta condições fantásticas para a fotografia, com fantásticas paisagens, montanhas, rodeada de mar e com um verde incomparável. Mas não deixa de ser uma ilha! Podemos dizer que o facto de estar restrito a uma ilha com as dimensões da Madeira cria, por vezes, alguma saturação, por força da repetição de alguns dos locais. Mas não será isso igualmente verdade no continente ou noutra lugar qualquer?

Que ambientes gostarias de fotografar que sentes que a Madeira não te oferece?

A Madeira é extremamente rica e versátil em termos fotográficos, pelo que oferece um sem número de oportunidades para os apaixonados da fotografia. Dito isto, tenho de admitir que, apesar de adorar a ilha, o que realmente sinto falta é de alta montanha, carregada de neve, de difícil acesso, que nos permite registos imponentes e com ambientes imensos. Cenários que vão para além daquilo que costumo chamar de micro paisagem, onde tens de ter alguma preocupação em "recortar" os enquadramentos de maneira a não apanhar uma estrada, uma casa ou algo que indicie a presença humana. Sinto falta desses ambientes inóspitos e mais selvagens, de grandes paisagens montanhosas.

Achas que uma boa fotografia requer solidão?

Quando saímos acompanhados acredito que acabamos por ficar um pouco limitados ao colega que está connosco, acabando por fotografar junto a ele, algo que não acontece quando saímos sozinhos para fotografar. No segundo caso,

temos a liberdade de explorar o local como quisermos, sem termos a sensação de nos estarmos a perder de alguém. Diria que fazer fotografia acompanhado pode representar algum acomodamento, pois temos alguém que puxe por nós, nem que seja para sair de casa. A decisão de fotografar sozinho testa a nossa resiliência, a nossa capacidade de ir e o nosso empenho, permitindo, muitas vezes, saltos significativos na qualidade da nossa fotografia.

Uma boa fotografia não requer solidão, mas evoluir na fotografia, penso que sim.

A tua abordagem centra-se muito em fazer imagens soltas. Achas que isso vai mudar no futuro?

Bem observado! O desafio de fazer séries é algo que ainda me causa algum desconforto, pois não é o meu processo natural. Por norma, numa sessão de nascer ou pôr do sol, são criadas duas ou três imagens que considero serem interessantes para publicar. Uma grande sessão pode criar seis a oito imagens dignas de partilha. A minha opção tem sido sempre publicá-las de forma espaçada, ao longo do tempo, com distintas perspetivas, para recriar o lugar nas suas diversas vertentes. Contudo, cada vez mais, acabo por publicar duas ou três fotografias do mesmo dia de forma simultânea.

Independentemente deste facto, enveredar pelas séries ou por um projeto requer um pouco mais de empenho, na medida em que uma série deve contar uma história, ser coerente e prender o espetador, despertando nele o desejo de ver mais do que apenas uma primeira fotografia mais impactante.

Consideras a publicação fundamental no teu processo criativo? O que procuras mostrar às pessoas com as fotos que publicas?

Já considerei muito importante. Hoje, muito menos. Todo o processo associado à publicação e à gestão das redes sociais é algo em que cada vez menos me revejo. Quando um fotógrafo publica, seja ele entusiasta ou profissional, procura mostrar a sua visão de um local, de um momento, de uma emoção. Naturalmente, quando essa nossa visão causa impacto em quem a visualiza, acabamos por criar uma simbiose entre o fotógrafo e aquele que observa o nosso trabalho. Penso que é esta simbiose que procuro e que mais me recompensa no ato da partilha da minha fotografia.

Qual foi a mais bonita reacção que alguém já teve a uma fotografia tua?

A reação mais impactante que tive, desde que faço fotografia, foi quando fui confrontado por uma pessoa, que acompanhava o meu trabalho há alguns anos, com um quadro pintado por si, acompanhado por uma fotografia minha, publicada uns meses antes, que lhe tinha servido de inspiração. Foi uma sensação muito boa ver o nosso trabalho replicado, com tanto carinho e dedicação, por um artista de uma área que não a fotografia!

Pode encontrar a fotografia do Duarte na sua página de instagram: **@duartesol**

Duarte Sol.

Portefólio.



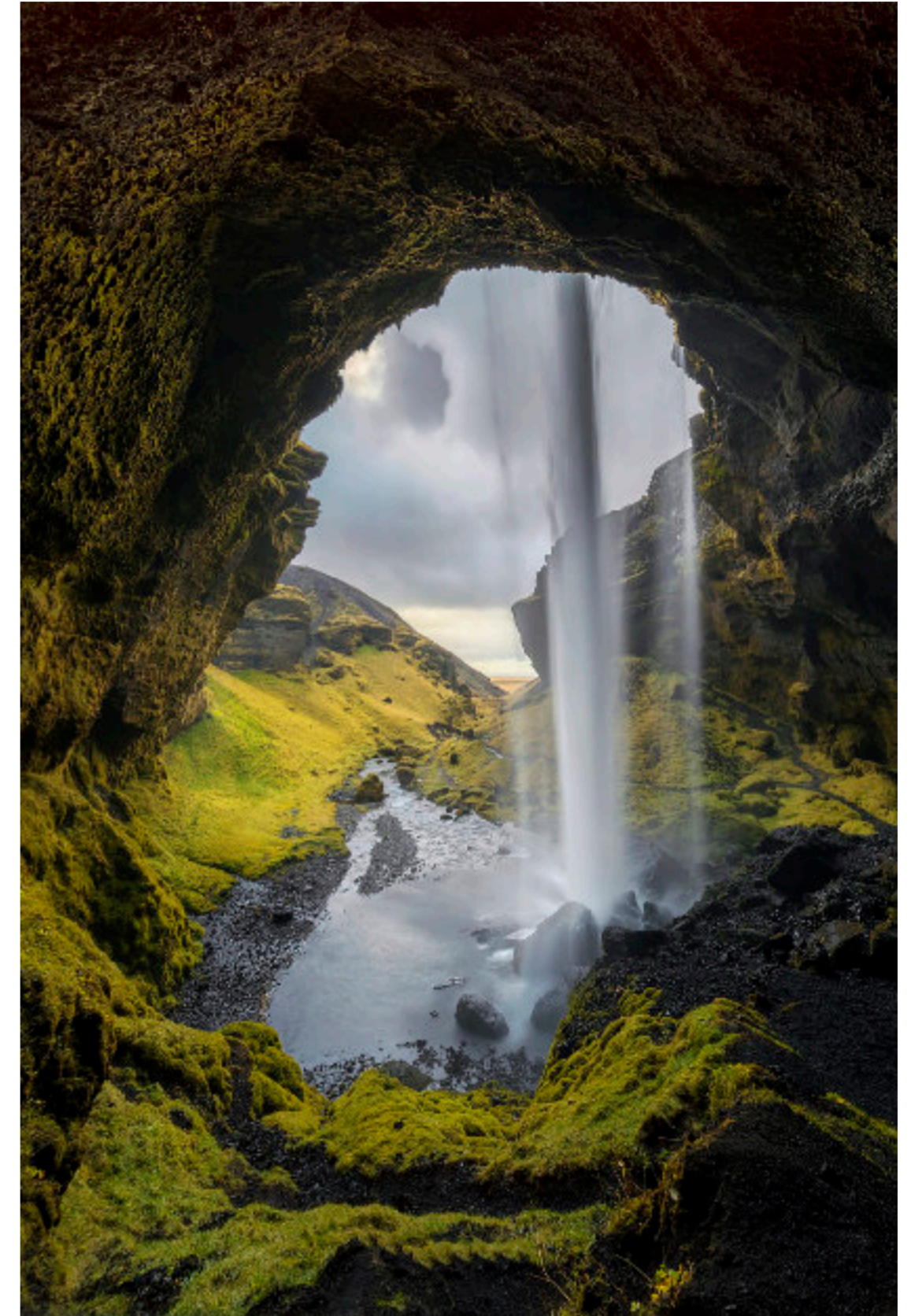
Moinhos da Portela, Porto Santo



Ponte medieval do marnel, Águeda



Hofskirkja, Islândia



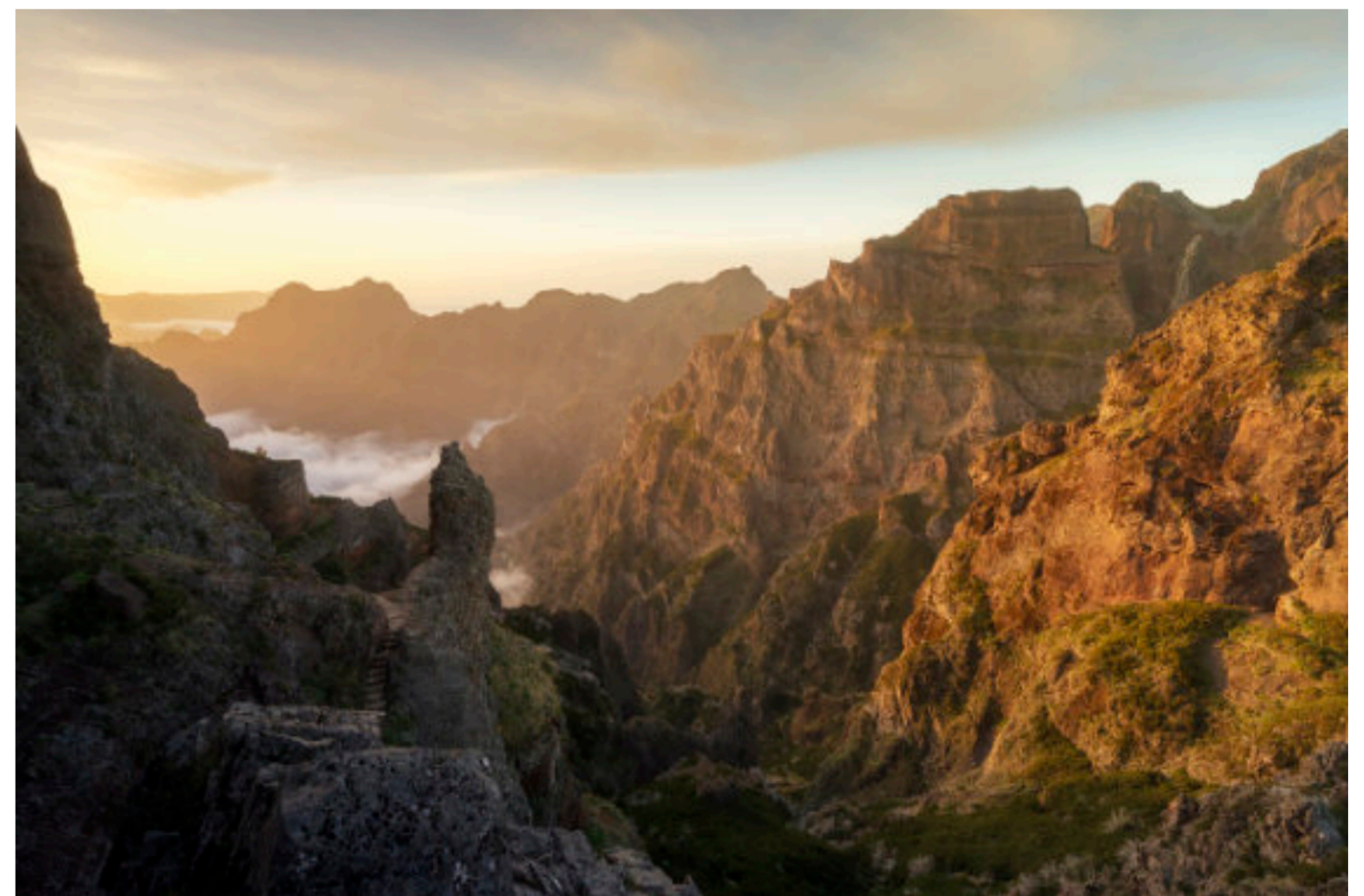
Kvernufoss, Islândia



Fanal, Madeira



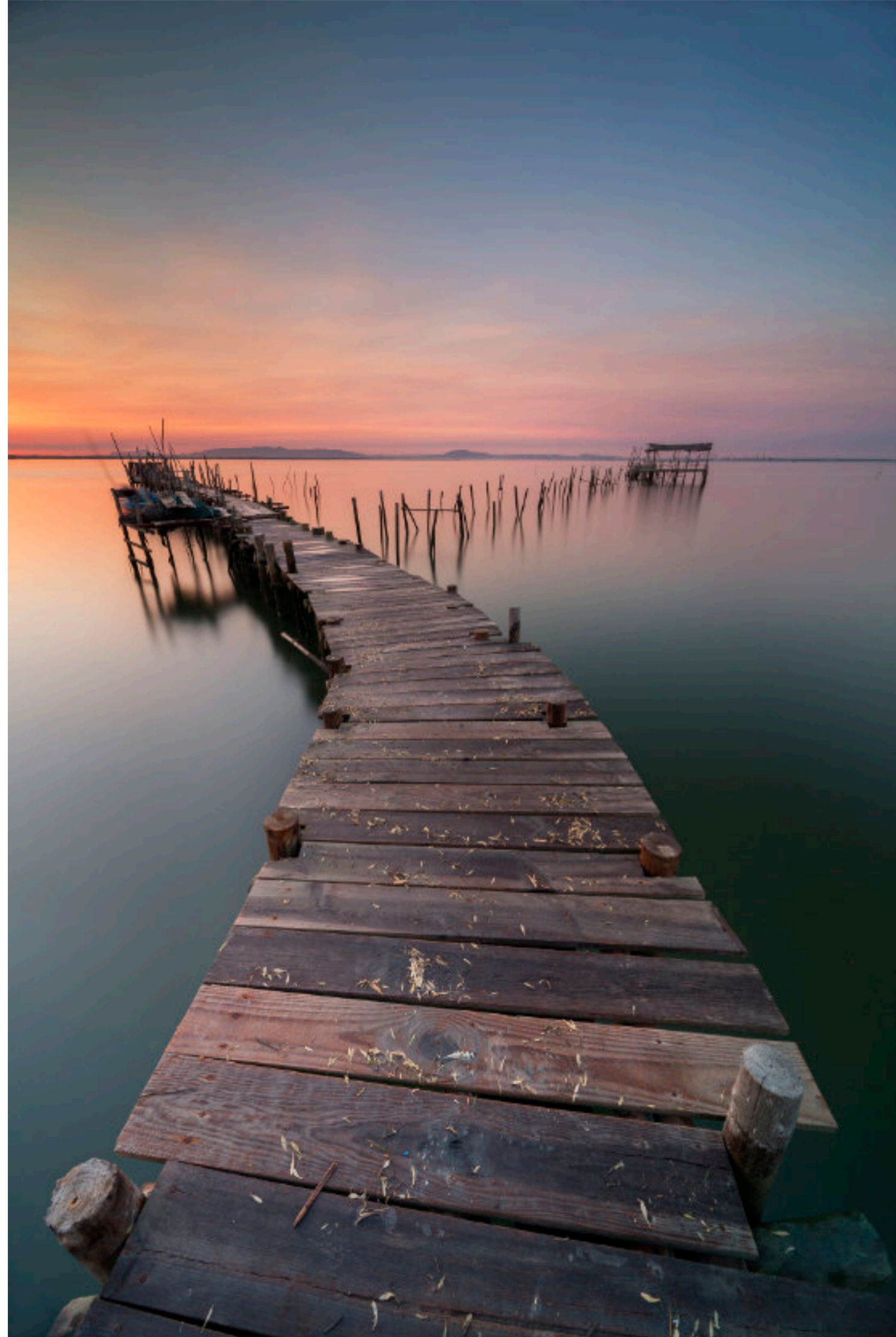
Ponta de São Lourenço, Madeira



Pico do Areeiro, Madeira

Pág. seguinte:
Ribeira da Janela, Madeira





Cais palafítico da Carrasqueira, Estuário do Sado

Uma das minhas fotografias favoritas foi captada no porto palafítico da Carrasqueira e penso que funciona por vários motivos. Em termos de composição, os 12 mm permitiram captar todo o pontão que nos leva ao infinito. Emocionalmente, esta imagem lembra-me o desejo incessante que existia, muito tempo antes desta visita, de poder estar neste local e registá-lo da minha maneira.

Praia da Calheta, Porto Santo

A segunda fotografia é do Porto Santo, um local que visito com alguma frequência mas que, a cada par de meses, muda de figura quase por completo. Nesta imagem tentei aproveitar as fantásticas formas do primeiro plano que, também fruto da sua cor, captam o olhar de quem vê e o conduz para o Ilheu da Cal, lá ao fundo. Acho que tenho um carinho especial por todas as fotografias feitas na ilha do Porto Santo, por tudo o que aquela ilha representa para mim.





Praia do Senhor da Pedra, Vila Nova de Gaia

A terceira imagem é de outro dos locais que habitaram, durante muito tempo, apenas na minha mente: a Capela do Senhor da Pedra. Adorei esta fotografia mal a vi no LCD da minha máquina. Para além da composição forte, ancorada na rocha à esquerda, penso que a escolha do preto e branco lhe conferiu ainda mais força. Este local já foi fotografado milhares de vezes mas, quando fiz esta fotografia, em 2013 ou 2014, nunca tinha visto nada remotamente parecido com esta composição, algo que me deixou orgulhoso.

Pág. seguinte:
Cordilheira Central, Madeira





Paul da Serra. Madeira, xxxx

É P'ra Amanhã.

“Bem podias fazer hoje, porque amanhã sei que voltas a adiar.” ~ António Variações

Texto e fotografias por **Luís Afonso**.

Numa destas semanas, estive no Parque Nacional da Peneda-Gerês a fotografar durante três dias com um amigo. Num desses dias, que ia ser longo e cansativo, decidimos sair de casa com calma, depois de um bom pequeno almoço e sem a pressa de quem precisa de estar no local certo, bem antes do nascer do sol. Quando finalmente saímos de casa, olhei para trás, para a zona de Pitões das Júnias e fiquei deslumbrado com uma luz e um céu maravilhoso que enquadrava, de forma perfeita, as montanhas que ladeavam as Gralheiras. Noutra altura do meu percurso fotográfico seria ocasião para ficar nervoso e, numa correria, querer montar o equipamento. Agora, já não basta um céu vermelho para me tirar o sono mas, ainda assim, tive muita vontade de fotografar aquele cenário, pois o céu estava carregado de um cinzento escuro e apenas a faixa de luz abaixo dele exibia as cores do nascer do sol. Ainda chegamos a um ponto alto, a tempo de fazer algumas fotografias, mas quando o meu amigo me perguntou se eu queria parar, respondi: “fazemos amanhã”.

No dia seguinte, lá acordamos com tempo suficiente para voltar a apreciar o espetáculo. A única diferença é que o espetáculo tinha sido cancelado, sem aviso prévio, pela mãe natureza que decidiu presentear-nos com um céu limpinho, de um azul esbatido, como só ela sabe fazer.

Moral da história? Pois, esse mesmo...

Já perdi a conta às vezes que, dentro do carro ou com a mochila nas costas, disse a mim mesmo “fica para a próxima vez”. Também já perdi a conta às vezes que prometi, a mim mesmo, parar de fazer isto e captar um registo sempre que essas palavras saíssem da minha boca. E é certo que tenho conseguido fazê-lo cada vez mais, ou seja, deixar de dizer que é p'ra amanhã uma fotografia que tem de ser feita hoje.

Não me considero um procrastinador nato. Normalmente, consigo completar os projetos a que me proponho, não gosto de deixar para a últi-

ma hora uma tarefa que tenho para executar, nem tenho dificuldades de organização. Quando estou a fotografar para um projeto ou para uma encomenda de um cliente tenho um plano escrito para ser cumprido e faço o que tem de ser feito para que esse planeamento chegue a bom porto.

Mas quando fotografo para mim, quando estou apenas a exercer o meu poder criativo, situações de deixar para outro dia sucedem-se. Como é óbvio, nenhum mal vem ao mundo por causa disso, pois o único compromisso que tenho é comigo, mas a prática repetida desta ação pode ser muito prejudicial. Pode tornar-se num hábito.

Um hábito é um comportamento automático que é desenvolvido a partir da repetição frequente de uma determinada ação. Quanto mais a fazemos, mais repetitiva se torna e maior será o tamanho desse hábito. Quem é que já não deu por si a fazer um caminho que se faz sempre, para depois descobrir que o destino, desta vez,

até era diferente? Isto porque o hábito é uma forma do nosso cérebro conservar energia, de se desligar, realizando algo sem exigir muita atenção consciente.

Embora seja possível mudar um hábito, vamos precisar de tempo e de um esforço consciente, já que o nosso cérebro tem tendência a resistir mudar comportamentos habituais.

Mas a pergunta principal a colocar é se faz mesmo sentido aproveitar o momento e se não podemos deixar mesmo p'ra amanhã uma determinada fotografia, na esperança que as condições se repitam uma e outra vez.

Os fotógrafos de natureza controlam muito pouco o ambiente onde estão inseridos. É errado dizer que não controlam nada, mas será muito difícil tentar adivinhar quando determinadas condições se vão repetir. Hoje em dia, com as alterações climáticas, os dias são cada vez mais irrepitíveis. Especialmente no que a determinadas condições especiais diz respeito. Há cada vez menos nevões, cada vez menos dias de chuva, cada vez menos dias como aqueles que sonhamos ter para fotografar. Esses dias não são inexistentes, mas, para quem tem tempo limitado para fotografar, é cada vez mais raro que as coisas batam certo, ou seja, que estes momentos de boa luz se desenrolem no par de dias que temos para fotografar.

Quando temos tempo reduzido para fazer determinada tarefa é preciso aproveitar todos os momentos, seja através de um planeamento bem delineado ou de uma disciplina exemplar. Sem qualquer um deles, estamos condenados a viver esse tempo de forma aleatória com resultados igualmente aleatórios. Tanto pode correr

bem, como correr pessimamente.

Quando saímos para o terreno, sem qualquer preparação, vamos ter de lidar com o temperamento da mãe natureza. Para alguém que tem pouca experiência, um ou vários dias de céu completamente limpo pode representar uma quebra de motivação absoluta e ser suficiente para não se fazer nada. De igual modo, dois dias de chuva podem representar o mesmo.

Para um fotógrafo com mais experiência, esses dias podem representar diferentes oportunidades fotográficas, ocasiões de colocar em prática erros e sucessos do passado e um tempo para fazer o que nunca se fez. Tudo isto tem a ver com a postura com que se encara este tipo de adversidades.

A primeira coisa a fazer será então estar preparado para aquilo que a mãe natureza tiver desenhado para nós, sem quaisquer expectativas, e

Espetáculo Cancelado... Pitões das Júnias, Peneda-Gerês, 2023



saber tirar o melhor partido das condições que tivermos diante de nós. Consultar a meteorologia de antemão é fundamental. Não para saber exatamente o que se vai fotografar, mas para saber como se deve preparar para tal. Ter umas boas luvas quando está frio, ou uma boa capa para a máquina quando está a chover, não nos vai ensinar a fazer melhores fotografias, mas vai permitir-nos fotografar. Saber que vai estar céu azul o dia todo não nos vai ensinar a fazer melhores fotografias, mas poderá ser um indicador do local e do tipo de fotografia que devemos procurar.

Depois de estarmos preparados para aquilo que (supostamente) vamos encontrar, temos de ter espírito aberto para aquilo que, na realidade, vamos encontrar e aproveitar todas as oportunidades para fazer as fotografias que passarem pela nossa cabeça.

As ideias, tal como as fotografias, não nascem do nada. Nascem de várias formas e são influenciadas por diversos fatores, como as experiências passadas, o conhecimento adquirido noutras atividades, na observação, no exercício da nossa criatividade. E, claro está, no aproveitar das oportunidades que se apresentam diante de nós.

No terceiro – e último – dia desta saída ao nosso Parque Nacional, o céu continuava teimosamente limpo e a atmosfera que podíamos encontrar nos bosques de carvalho-negral, existentes na zona de Tourém, não era a mais expressiva. Ou, pelo menos, a mais ansiada. Durante os três dias, nem um esgar de uma neblina. Quando as condições não estão “boas”, eu gosto de as criar. E, para isso, vou buscar os recursos com que mais gosto de brincar: ICM (movimen-

to intencional da câmera), múltiplas exposições, desfoque, contraluz. Tudo técnicas que me permitem ver para além do literal. Sou capaz de estar horas a fazer este tipo de exercício, tirando partido daquilo que mais gosto de fazer: criar novas imagens, ao mesmo tempo que sinto a natureza, em silêncio, no meu mundo, com todos os cinco sentidos completamente ativos.

Enquanto me entretia com este tipo de imagens, observei um bando de estorninhos pousa-

do numa árvore a alguns metros de distância. Estive para dizer que ficava para amanhã, pois isso implicaria trocar de câmera e objetiva, mas decidi deslocar-me ao carro e proceder à troca de equipamento. O primeiro passo estava dado, para quebrar uma rotina que poderia tornar-se num hábito. A fotografia que idealizei dos estorninhos não consegui fazer. Mas isso pouco importa. O importante foi ter tentado e não ter deixado para amanhã uma imagem que tinha de ser feita naquele momento.

Inverno. Tourém, Peneda-Gerês, 2023



A Inevitabilidade da Evolução Tecnológica.

“Tornou-se aparentemente óbvio que a nossa tecnologia excedeu a nossa humanidade”. ~ Albert Einstein

Texto e fotografias por **Nuno Luís**.

1826 foi um ano marcante para o mundo das artes, sobretudo as visuais. Esse e os que se lhe seguiram foram tempos de polémica e controvérsia. Muita, a bem da verdade. Refiro-me ao surgimento da fotografia, essa forma única de arte visual que em poucos anos iria revolucionar o nosso mundo. Esse reconhecimento, porém, demorou a surgir.

Os primeiros tempos foram, acima de tudo, de desconfiança. Vamos por partes. Com este acontecimento, o mundo das artes visuais, com a pintura à cabeça, viu-se no epicentro de um terramoto. Muitos arautos da desgraça vaticinaram o princípio do seu fim. Seria de facto a fotografia uma ameaça latente à pintura? A resposta não tardaria a chegar.

Os principais pensadores da época, entre eles Baudelaire, um ícone da cultura francesa, não teve pejo em considerar a fotografia como “um refúgio para pintores frustrados”. A máquina fotográfica era, na sua opinião, uma extensão do olho ou da memória, mas nunca da imaginação e da criatividade. O próprio vai um pouco mais longe. Para ele, a fotografia não é vista como uma forma de expressão artística mas sim como algo puramente técnico. Seria Baudelaire a face visível de uma determinada aristocracia ligada ao mundo das artes visuais, adversa às novas tecnologias?

Ao invés do que muitos profetizaram, a fotografia, aliada a outros fatores, teve o condão de originar uma profunda reflexão nos pintores da

época, sobretudo em França. Desse momento de introspeção da classe artística, emerge, na chamada Belle Époque, um movimento que iria revolucionar o mundo das artes enquanto veículo de expressão artística: o impressionismo. Após um período de turbulência, a humanidade assiste, por fim, ao nascimento de um dos movimentos mais marcantes na história da pintura e das artes em geral.

Este movimento, abolicionista relativamente às regras de pintura vigentes à época, é antagónico face ao neoclassicismo, realismo e romantismo. A abordagem impressionista, ao romper com o passado, permite ao artista retratar a sua própria interpretação da realidade. Há um despertar da consciência para o “Eu” desprovido de



Memento. Nacedero del Urredera, 2022

dogmas acadêmicos, sob a forma de afirmação artística e cultural. É a vitória da liberdade de expressão na pintura e que contagiaria outras formas de arte! Manet disse: “eu pinto aquilo que vejo e não aquilo que para os outros é agradável ver”.

O impressionismo foi precursor de uma nova era, no entanto, sobretudo na Europa, não faltaram críticas a esta nova forma de sentir e respirar a arte. A fotografia, à época a dar os primeiros passos, não era mais que o retrato do real, em contraciclo com as novas tendências. Rapidamente encontrou o seu espaço e, acima de tudo, a sua valorização artística.

Aos dias de hoje, fotografia e pintura cruzam em algumas áreas a linha que as separa. Muitos fotógrafos, através da evolução da fotografia e do aparecimento de novas técnicas, utilizam a fotografia sob uma forma que muito se assemelha à pintura.

Desde 1872 que no Colorado, Estados Unidos, se realiza a *Colorado State Fair*, uma feira/concurso de arte. A edição de 2022 fica marcada pela vitória de Jason Allen na categoria de “Artes Digitais”. Dito desta forma e desprovida de maior detalhe esta notícia nada tem de excepcional e acredito que muitos dos que leem estas linhas, tal como eu, nunca ouviram falar deste autor. Mas, convém reter, é um nome que vai ficar para a História. Com esta vitória, de forma inusitada, Jason Allen abriu a caixa de pandora.

A verdade é que esta notícia caiu que nem uma bomba no meio artístico mundial com repercussões incalculáveis. A razão é muito simples. A imagem vencedora, ainda que na categoria “Artes Digitais”, não foi criada pelo autor com

recurso às ferramentas disponibilizadas por um *software* de pós-processamento de imagem, tão típico nesta categoria. Ao invés, a sua criação fica a dever-se a um programa de inteligência artificial.

Para quem nunca ouviu falar em Inteligência Artificial nas artes e, neste caso em concreto, na produção de imagens, aqui fica uma breve explicação.

O *Midjourney*, o *DALL-E* ou o *Stable Diffusion*, são programas de inteligência artificial. O modo de utilização é particularmente simples. Através da introdução de um conjunto de palavras-chave na aplicação, após alguns minutos de espera (não muitos), tem-se como resultado uma imagem única.

O resultado é obtido – e aqui tem havido imensa polémica por questões de direitos de autor – a partir de imagens disponíveis na internet que coincidam com as palavras-chave introduzidas. A título de exemplo, se introduzir palavras-chave como Lisboa e Van Gogh, o resultado será uma imagem de Lisboa ao estilo da pintura de Van Gogh. Fácil de imaginar. Fácil de criar e... fácil de produzir algo capaz de ganhar concursos internacionais.

Este acontecimento, que já fez correr muita tinta, promete não ficar por aqui. Para apimentar um pouco mais o tema, há poucos dias foi anunciada a primeira fotografia gerada por Inteligência Artificial a vencer um concurso de fotografia. O vencedor, ao concorrer a uma das chamadas categorias tradicionais, ludibriou o júri, que pensava tratar-se de uma imagem obtida por drone.

Não há como esconder! Estamos no início de um novo caminho. Na minha opinião, e no imediato, apenas vislumbramos a ponta do icebergue. A inovação causa desconforto e, à luz destes acontecimentos, o óbito das artes foi mais uma vez preconizado. Muitos não reconhecem o “produto final” de Inteligência Artificial como arte. Lanço a seguinte questão: “numa reflexão mais aprofundada e de contornos filosóficos o próprio conceito de arte gera consenso?”

Eu prefiro entender que estamos perante uma nova forma de afirmação e expressão artística. Amada ou odiada, a Inteligência Artificial veio para ficar e não apenas no mundo das artes. Não vale a pena colocar a cabeça na areia e fingir que nada se passa. Um pouco de atenção e facilmente se percebe a influência e importância da Inteligência Artificial nas mais diversas áreas da sociedade moderna. O mundo está em mutação constante. A cada dia que passa, a tecnologia avança de forma impiedosa e entra no nosso quotidiano sem pedir licença. Todas as áreas da nossa sociedade, ainda que a ritmos diferentes, são envolvidas neste processo pacífico de “invasão”. As artes não são exceção. O ruído em volta deste tema é apenas o reflexo de dores de crescimento perante uma suposta nova ameaça.

O aparecimento da fotografia gerou controvérsia. Muitos previram o fim dos livros com o aparecimento dos jornais. O fim da rádio foi declarado com o aparecimento da televisão. E por aqui me fico no que a exemplos diz respeito. Muitos mais haveria. A humanidade tem a sua costela de “Velho do Restelo”, tão bem descrita por Camões na sua epopeia de glorificação dos descobrimentos marítimos portugueses.

A capacidade de ferramentas de Inteligência Ar-

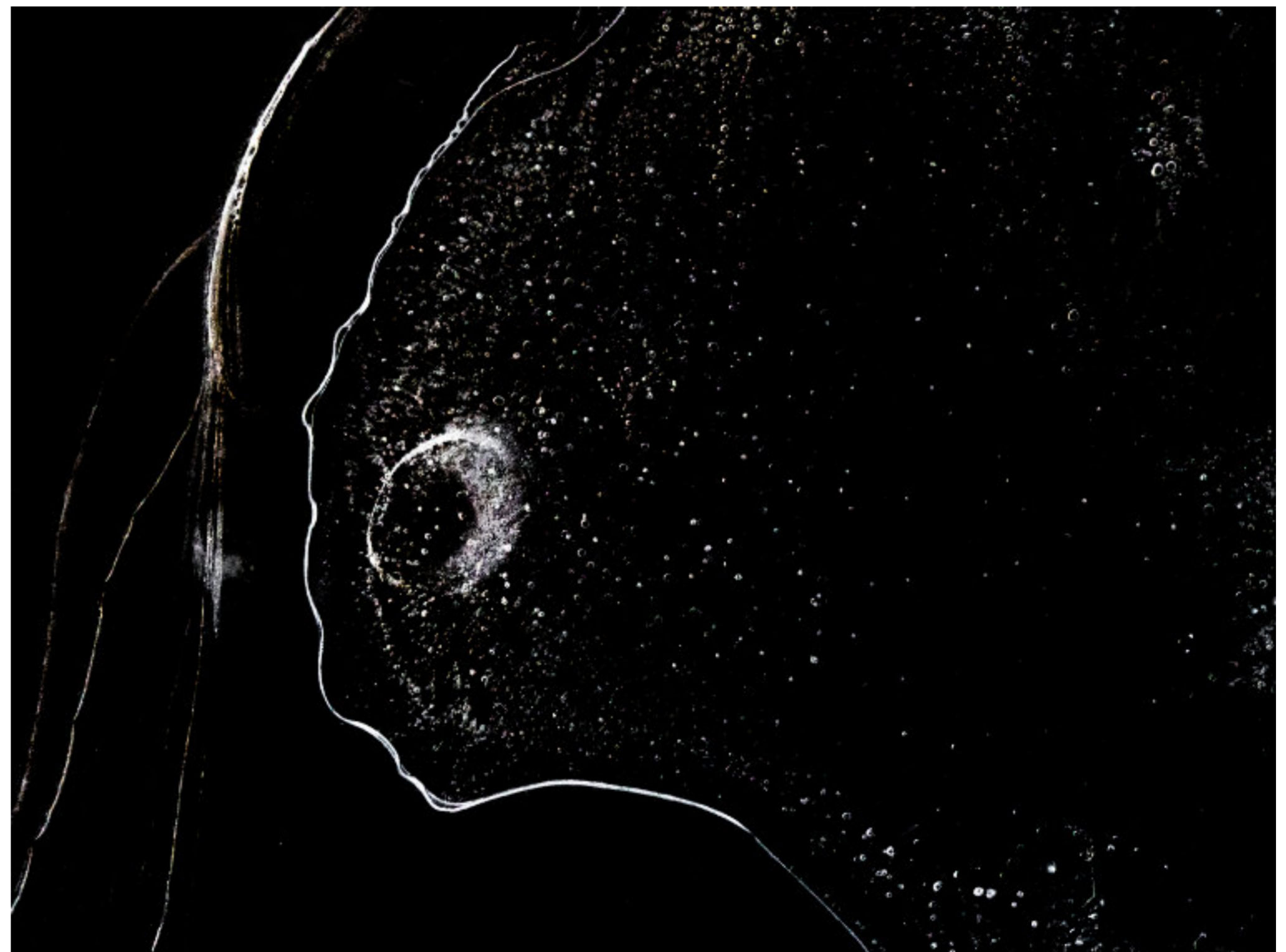
tificial em gerar algo que identificamos como arte é fascinante. E com uma rapidez assinalável. O principal entrave, que prevejo como o grande desafio nos próximos tempos, é a aceitação cultural dessa mesma arte produzida. Nas pesquisas realizadas na Internet na procura de imagens criadas a partir de Inteligência Artificial, as encontradas facilmente se associam ao Surrealismo. Deixo a seguinte questão: deverá negar-se e reduzir à insignificância essas imagens e a sua beleza estética sob o pretexto de terem sido criadas a partir de algo não humano?

Não quero assumir uma postura de altivez como Baudelaire fez perante o surgimento da fotografia. Considero a Inteligência Artificial uma forma de criação de arte. Que a mesma permita expandir e alargar horizontes. É a inevitabilidade da evolução tecnológica. Mais uma vez, estamos perante o cenário em que a definição de arte e do próprio artista é questionada. Assiste-se a mais uma revolução na arte contemporânea. No dia que esta tempestade passar, e estou certo de que passará, a bonança por fim chegará e consigo uma nova vaga de artistas não convencionais emergirá e, no final, como sempre, o grande vencedor será a própria arte. Como referido anteriormente, a caixa de pandora foi aberta!

Estranha forma de vida. Serra da Estrela, 2023

Pág. seguinte:

Nascimento. Parque Natural Sintra-Cascais, 2023





Quanta Beleza Existe Numa Fotografia?

Existe beleza em tudo? A Fotografia é uma arte que nos desafia a procurar transmitir numa imagem um estímulo visual com um propósito, mas esse propósito tem de estar associado obrigatoriamente ao que é belo? Ou a beleza pode ser simplesmente imaginada e não evidente?

Texto e fotografias por **Ricardo Salvo**.

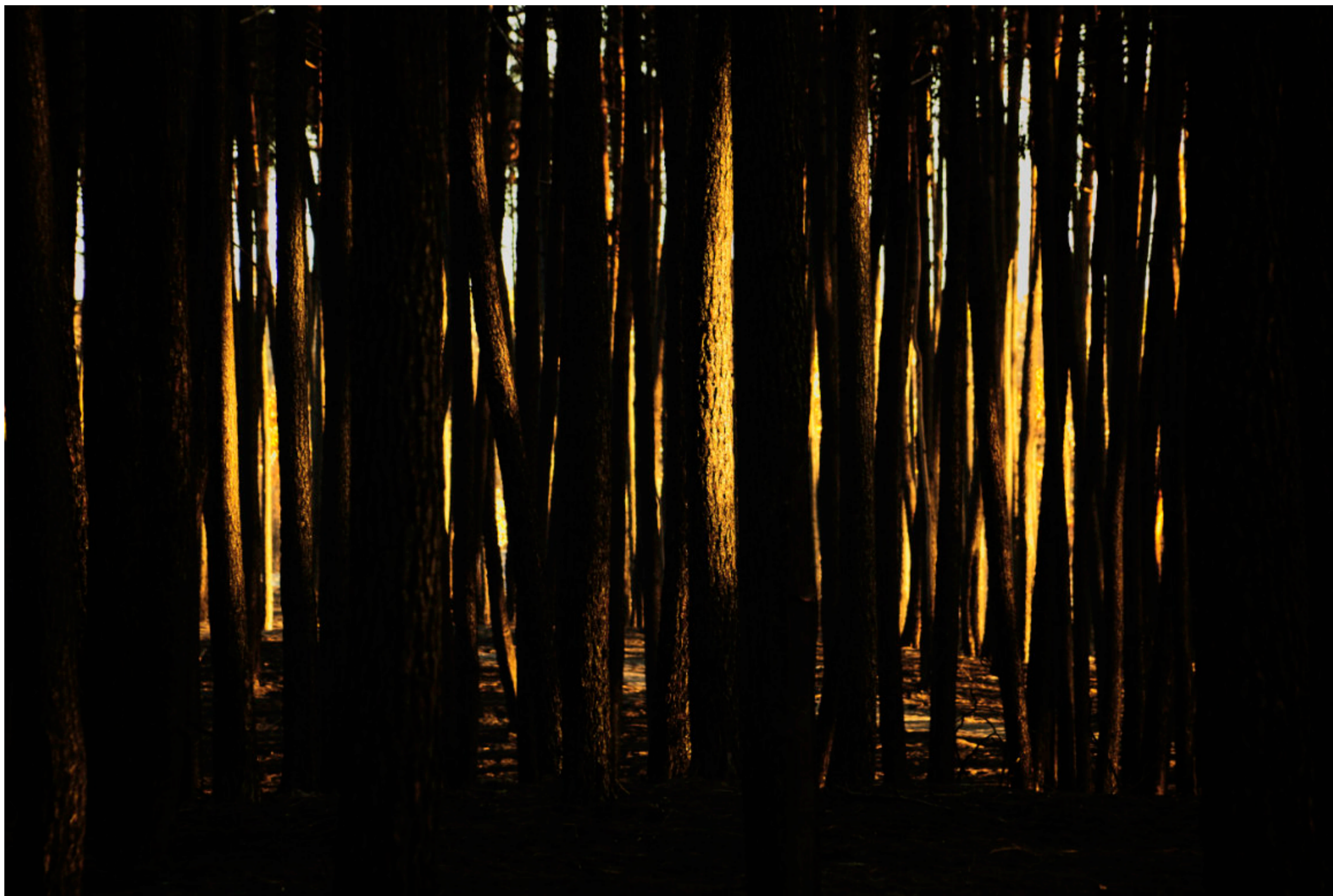
Porque é que uma fotografia tem de ser bonita? Esta é uma pergunta que faz sentido sobretudo quando falamos de Fotografia artística. Desde a Grécia Antiga, quando os filósofos tentavam criar um conceito para a Estética, que a arte tem de ter como um dos seus principais fundamentos a beleza. E esta ligação intrínseca entre o belo e a arte parecem determinantemente indissociáveis. Mesmo fora da arte, a procura pelo belo faz parte da natureza humana e, por isso mesmo, o desafio de transmitir numa fotografia os estímulos visuais do que não é objetivamente bonito, quando tal é necessário, aumentam.

Naturalmente que este é um exercício que não se aplica à Fotografia ilustrativa, ou documental. Um fotojornalista não irá certamente para um cenário de guerra propondo-se ter como centro de gravidade do seu trabalho a beleza, mas sim a mensagem inerente ao que as coisas

realmente são. No entanto, há algo que é sempre mais forte do que o fotógrafo, que é o seu mecanismo inato de aplicar estética à fotografia que está a fazer, mesmo que essa fotografia seja para retratar a morte ou um cenário de horror. Qualquer fotografia contempla em si, sempre que possível, todos os rituais e rigores de produzir o estímulo visual pretendido, independentemente do que está a ser fotografado, com “regras” de composição, com tentativas de equilíbrio visual. Uma fotografia não é feita “à balda” mesmo que o que é para ser retratado seja o mais hediondo que se possa imaginar.

Tendencialmente faço muito mais Fotografia artística do que documental – apesar de nutrir igualmente uma forte paixão por fazer Fotografia informativa – e por isso proponho-me transmitir numa fotografia algo que não é comumente tido como belo potencia o desafio. Pondo de

parte todas as discussões possíveis sobre a subjetividade da beleza, lembro-me de pelo menos duas situações em que saí de casa com a câmara com o objetivo claro de olhar para o que para mim é feio – apesar da falta de objetividade do conceito – e tentar transmiti-lo em fotografia de intuito artístico. Fi-lo com a paisagem resultante dos grandes incêndios de 2017 (Pedrógão Grande e Pinhal de Leiria) e quando fotografei Riotinto, em Espanha (Huelva). Se da paisagem queimada das catástrofes de há seis anos é praticamente uma afronta falar-se de qualquer hipótese de beleza, já no caso de Riotinto considerar que aquela paisagem é tudo menos bonita é algo mesmo meu – do grupo com quem regularmente vou ao local para fotografar, sou o único que acha o sítio hediondo. Porém, de ambas as experiências sai um resultado comum: tanto no caso dos incêndios, num projeto a que dei o nome de [Inferno Wonderland](#), como no



Na coleção Inferno Wonderland propus-me fotografar de forma não documental o cenário caótico deixado pelos incêndios de 2017. Nesta fotografia, o efeito da luz do sol no final do dia a penetrar num pinhal completamente queimado produziu um efeito visual que me atraiu.

caso do rio que dá nome ao parque mineiro de Huelva, com o projeto [Minera](#), fiz algumas das fotografias de Natureza, ou de Paisagem, conforme o rótulo que lhes quiserem pôr, que mais prazer me deram no seu resultado. Dá-me a sensação de que fotografar algo que já é tido como comumente bonito na Natureza não cria a mesma tensão. Se é bonito na Natureza, dificilmente não será bonito na fotografia. Já a tentativa de criar um estímulo visual apelativo a partir do “não belo” cria uma tensão emocional titânica, e confesso que isso tem me atraído particularmente na forma como fotografo.

Para vos propor igual desafio, à descrição da minha experiência junto a forma como o ensaísta americano James Gleick escreve em 1987 sobre a teoria do caos⁽¹⁾ a qual três anos mais tarde dá também origem ao livro *Nature's Chaos*⁽²⁾ com fotografias de Eliot Porter, o fotógrafo americano que teve o “descaramento” de fotografar paisagem a cores. De uma forma resumida, James Gleick e Eliot Porter (o primeiro com texto e o segundo com Fotografia) chamam-nos a atenção para a beleza imensa que existe na desordem, no aleatório das coisas, no inesperado. Uma beleza escondida, latente, que não é evidente e que é preciso decifrar. Ambos nos falam de como no simples emaranhado de umas raízes, na textura de uma pedra aparentemente desinteressante ou num amontoado de terra no chão pode residir um mundo infinito de beleza que, uma vez isolada e enaltecida, cria um mundo imaginário e belo que apenas uma fotografia consegue transmitir.

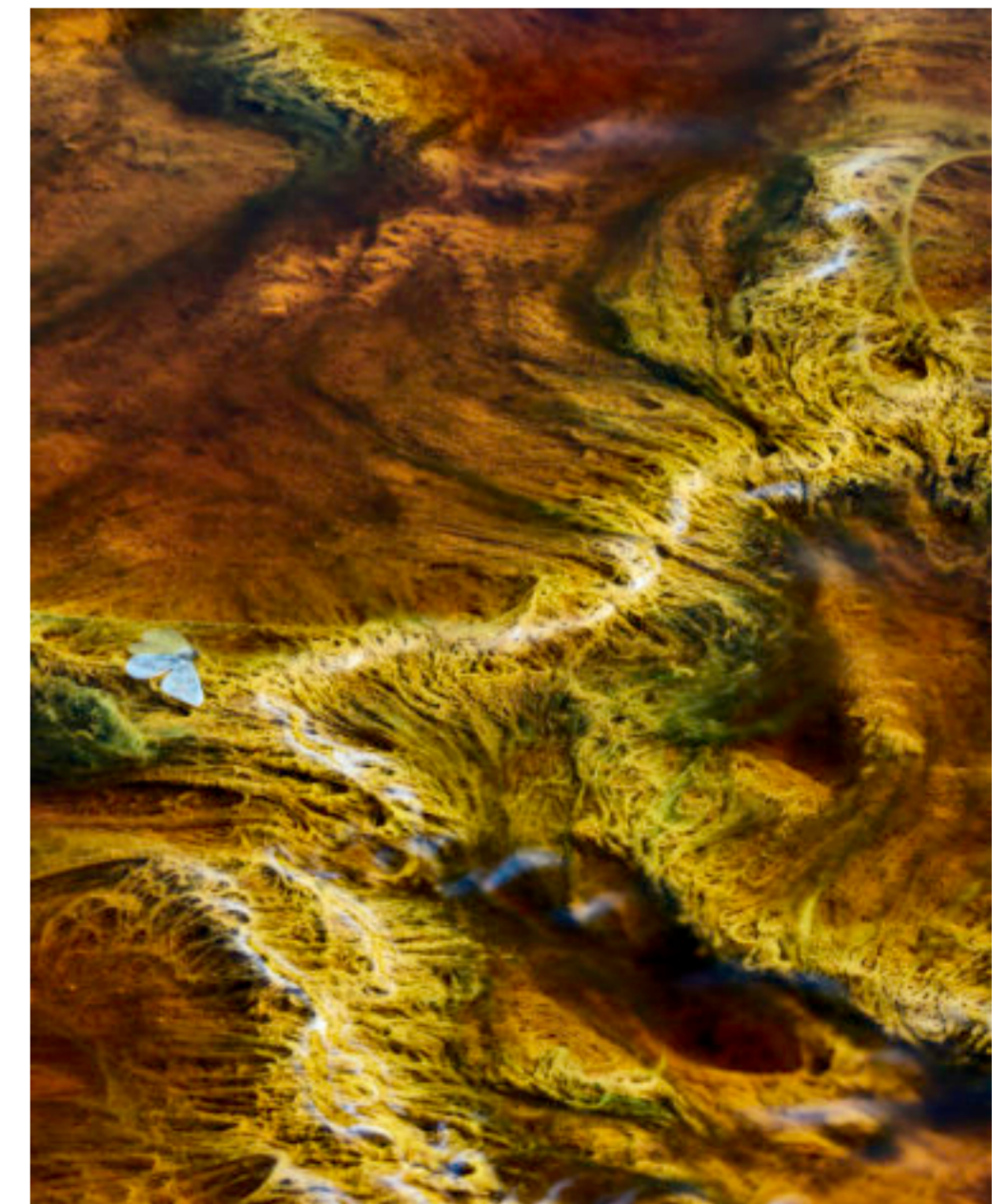
Na minha fotografia mais recente tenho-me sentido fascinado por esta procura de ordem e beleza no meio da desordem e aleatoriedade. É extremamente estimulante procurar estes mun-

dos invisíveis e que criam fotografias únicas e verdadeiramente pessoais. São imagens que estão contidas nesse grande chavão da “paisagem íntima”, mas que vão muito para além disso. E, asseguro-vos, quando se perde a obsessão pela beleza evidente da Natureza, pelas “horas certas para fotografar” e, sobretudo, pela fotografia para agradar a massas cibernéticas, em pouco o tempo o cérebro parece que se reprograma para outra forma de ver tudo à nossa volta, mesmo quando não estamos com uma câmara fotográfica nas mãos. Experimentem fazê-lo, é apenas o que proponho.

⁽¹⁾ Chaos, Making A New Science, de James Gleick, originalmente publicado em 1987 pela Viking Books. A edição que se encontra hoje à venda nas livrarias é de 2001.

⁽²⁾ Nature's Chaos, de Eliot Porter e James Gleick, originalmente publicado em 1990 pela Viking Books. Livro completamente esgotado, mas que ainda vai sendo possível comprar em segunda mão por preços aceitáveis.

Ríotinto é um local onde é imperativo mergulhar nos detalhes. É um claro exemplo onde a procura da beleza numa paisagem que como um todo não me atrai resulta para mim numa enorme tensão emocional na Fotografia.





O fundo de um charco visto sob os efeitos de refração da água agitada pelo vento, quando parado no tempo, como só a Fotografia consegue fazer, criou, para mim, uma composição visual com a qual criei uma ligação emocional.

Rúben Neves.

Ensaio.

Desafios de abstração.

“Como as fotografias são ambíguas, polissêmicas e semanticamente fracas, elas flutuam e podem ser feitas para ilustrar o que o contexto ditar. Assim, nalguns casos, os significados que lhes são atribuídas podem ser contraditórios enquanto que, noutros casos, reforçam a mensagem original. (...) Só compreendendo os vários contextos em que as imagens circulam é que podemos entender a variação dos seus significados.” ~ John Mraz (“Itinerant Mexican Icons”, p.69, 2014)

Texto e fotografias por **Rúben Neves**.

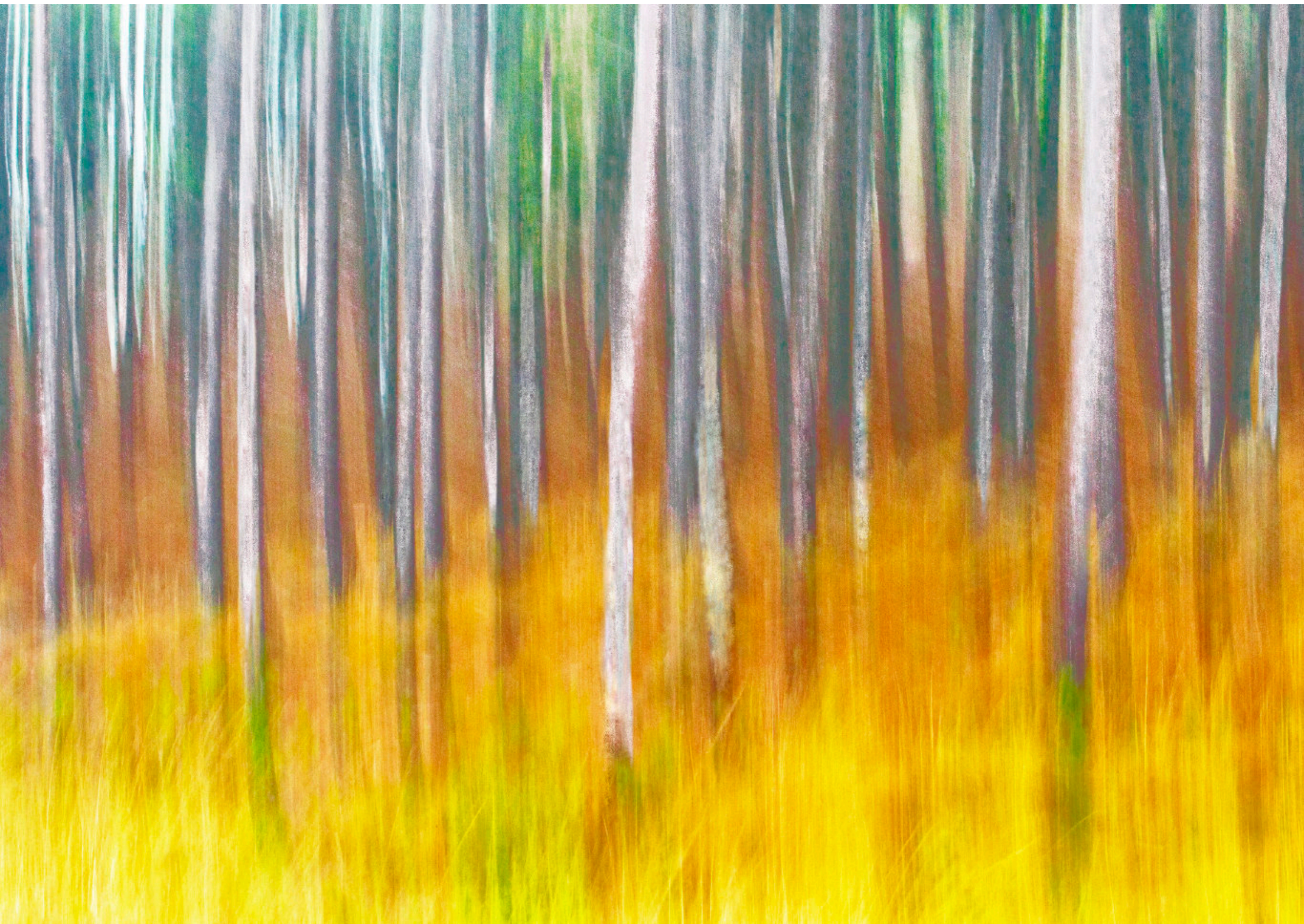
Incertezas formais ou mensagens sem certeza não deixam de criar sensações. Das derivas tonais ao desafio da intencionalidade, o resultado nem sempre é claro. A predisposição para interpretar também nem sempre alcança o objetivo de quem fotografa. E será suposto existir esse encontro? A questão prevalecerá sem resposta, até porque enquanto houver quem crie e quem aprecie, a própria ontologia fotográfica perma-

necerá despida de uniforme universal. Talvez por isso a preparação de quem vê seja critério decisivo na ausência de explicação. Da mesma forma que o sentido da realização possa ser o da simples contemplação. Para quem, poderá até não interessar! Não eliminando assim a ideia da fotografia enquanto objeto de possível beleza, convirá ter presente a reflexão sobre a eternização estetizante que o cânone “artístico”

podrá obrigar a perpetuar passando por cima daquela que poderá muito bem ser a real importância da fotografia - o poder de nos desafiar. Desta feita, e funções à parte, aqui, não se pretende situar ninguém no contexto da percepção. O desafio da interpretação poderá ser o único objetivo deste ensaio.

















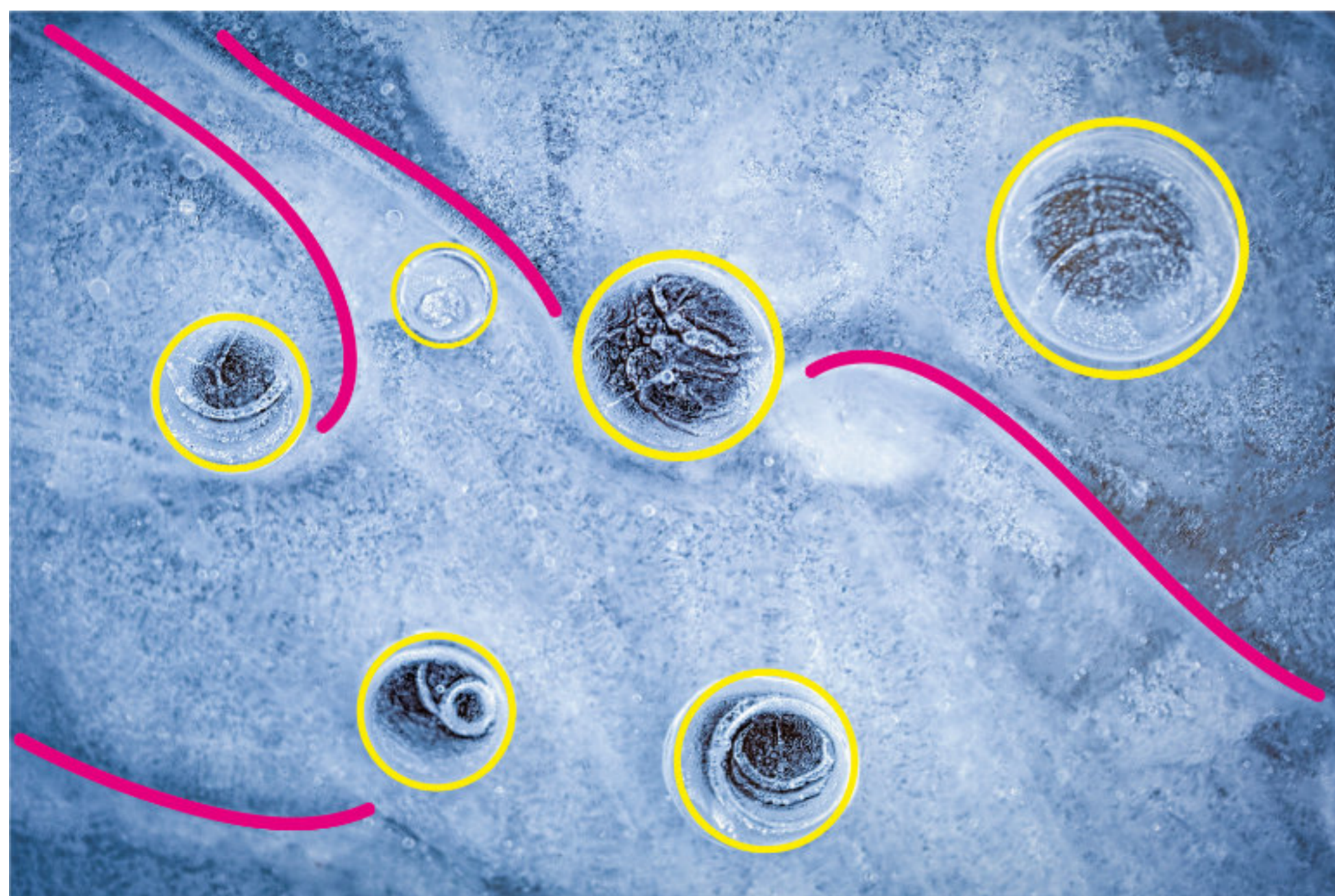




Caminhos Gélidos.

Covão da Ametade, 2022

Texto e fotografia por **Miguel Serra**.



Nesta primeira participação na secção “Por Detrás da Imagem” apresento-vos uma fotografia captada a 22 de janeiro de 2022, no Covão da Ametade, Manteigas, em pleno Parque Natural da Serra da Estrela, a cerca de 1500 metros de altitude. O berço onde o Rio Zêzere começa a ganhar forma.

Durante vários dias seguidos as temperaturas negativas fizeram-se sentir de forma impetuosa nas zonas mais altas da montanha, provocando a formação de gelo à superfície da água. Neste caso concreto, o frio criou esta poça gelada, no sopé do Cântaro Magro, num pequeno riacho quase estancado pelo frio, que mais a jusante desagua no Rio Zêzere.

Foram inúmeros os desafios fotográficos desta tarde de inverno. A imaginação levou a concentrar-me umas boas horas entre as linhas de água.

Esta imagem integra a série fotográfica “The world at my feet” (“O mundo aos meus pés”),

por sinal uma das minhas preferidas do ano de 2022.

O Covão da Ametade é aquele lugar mágico que merece sempre uma atenta visita. Se no início do meu percurso fotográfico procurava a paisagem aberta deste majestoso lugar, nos dias de hoje o meu olhar contemplativo recai muito mais sobre os pormenores que se transfiguram a cada estação do ano. Aliás, uma visão que vale para muitos outros locais que frequento com regularidade.

Composição

O olhar fixa-se de imediato nas bolhas de oxigénio geladas no centro da fotografia. As linhas diagonais onduladas estabelecem harmonia e transversalidade. São caminhos que obrigam a deambular pela imagem. Os círculos são determinantes no equilíbrio de todo o conjunto, sóbrio, mas dinâmico. A cor azulada transmite o ambiente frio e gélido.

Uma composição simples, com um grande pendão estético e contemplativo.

Dicas

Para além de desafiante, fotografar a superfície da água gelada é um processo de grande criatividade para qualquer fotógrafo de paisagem natural. As cores, as linhas e as texturas facilmente transportam o nosso pensamento para qualquer outro planeta.

O ideal para fotografar este tipo de ambiente será utilizar uma objetiva macro ou, em alternativa, uma teleobjetiva. Para uma imagem completamente focada, caso seja esse o objetivo, re-

comendam-se a utilização de aberturas intermédias (f/13 a f/16).

O tripé pode garantir, à partida, o maior sucesso na nitidez das fotografias. Sendo que, na prática, os resultados podem ser igualmente bem-sucedidos ignorando-se a sua utilização, tendo sempre em conta um tempo de exposição suficientemente rápido para garantir a compensação do movimento que existe sempre – ainda que leve – no momento do disparo. Com tantos pormenores e composições a surgir em catadupa, o uso do tripé pode, de alguma forma, castrar a capacidade criativa do fotógrafo. O melhor será encontrar o equilíbrio na sua utilização, assumindo esse compromisso no terreno.

Processamento

Sempre investi mais tempo no terreno, procurando o melhor enquadramento e ambiente possível, em detrimento do que se gasta posteriormente no processamento das imagens.

Nesta fotografia em concreto, apenas foram efetuados alguns ajustes básicos, num breve processamento, que se esgotou em cerca de 20 minutos.

Com base no ficheiro original da câmara, a exposição foi atenuada ligeiramente. O contraste e os realces foram aumentados significativamente. Sem alterar as sombras e o ponto branco, senti a necessidade estética de reduzir os pretos para conferir mais contraste e profundidade. Por último, acrescentei alguma textura e claridade, bem como uma ligeira saturação.

Pág. anterior e seguinte:
Fujifilm X-T4
XF 80mm F2.8 R LM OIS WR Macro
1/80s a f/5, ISO 400, 80mm
Sem tripé.



Quente ou Frio?.

Quente ou Frio?.

Texto e fotografia por **Mário Cunha**.

A nossa fotografia é, muitas vezes, um reflexo da nossa natureza e da maneira como vivenciamos os sítios que nos são queridos. Cada um de nós toma uma série de decisões no terreno (ou durante o pós-processamento) que, de forma consciente ou não, nos conduzem a um resultado final. Todas estas decisões vão ter um impacto na composição, estética e emoção que essa imagem vai transmitir.

"A nossa natureza" será uma secção onde vou explorar esta temática. Espero ser útil a muitos de vós.

Pretendo explorar os assuntos que frequentemente me deixam a pensar e a refletir sobre fotografia, algo fundamental para que possamos evoluir nesta arte. Neste artigo vou debruçar-me sobre a temperatura de cor das nossas imagens.

Com certeza, já disseram ou ouviram dizer que certa pessoa é "fria" ou que ficou chateada e está "vermelha como um pimento". Como não poderia deixar de ser, o nosso comportamento perante estes dois tipos de pessoas será diferen-

te. Podemos, com algum cuidado, estabelecer um paralelismo com a temperatura das nossas imagens e, conseqüentemente, com as cores e a carga emotiva que elas transportam. As cores de uma imagem dependem, em grande parte, do equilíbrio de brancos utilizado. A minha experiência, como formador na área da fotografia, diz-me que grande parte de nós, pelo menos no início, deixa esta decisão tão importante – a de escolher o equilíbrio de brancos – a cargo da câmara fotográfica, utilizando este ajuste em modo automático ou colocando em "nublado" ou outra pre-definição qualquer. Basicamente, esquecemos que esta opção/decisão existe.

Sabem o que é que a câmara fotográfica faz quando optamos por deixar que ela decida o equilíbrio de brancos? Depois de o sensor receber a luz, a câmara vai tentar que os brancos da nossa imagem sejam de facto brancos, ou seja, não tenham qualquer tipo de tonalidade (quente ou fria).

Se, pelo contrário, optarmos por ajustar manualmente o equilíbrio de brancos, pode parecer

contra-intuitivo seleccionar 6500 K para obtermos uma fotografia com temperatura de cor mais quente quando, na verdade, a temperatura de cor da luz quente está abaixo dos 4000 K. A temperatura de cor, dependendo do tipo de luz presente, está representada no gráfico de forma relativa.



Temperatura de cor. O esquema representa a temperatura da cor em Kelvin relativamente à luz que está presente na paisagem.

Pensemos num exemplo prático para melhor ilustrar. Imaginemos o seguinte cenário: estamos no Inverno e cai um grande nevão durante a noite. Muito cedo pela manhã, o céu está nublado e estamos rodeados por uma luz azul que cobre toda a paisagem. Visto que esta luz tem uma temperatura igual ou superior a 6500 kelvin, como podemos verificar no gráfico, ao darmos esta informação à nossa câmara ela vai introduzir tons mais quentes para neutralizar este



desvio e tornar a neve branca em vez de azul.

Antes de continuar, quero, desde já, deixar aqui o desafio para que, da próxima vez que sair para fotografar, tente, no terreno, experimentar alterar a temperatura de cor da sua imagem, visualizando o impacto enorme que isso tem na estética e carga emocional das imagens que vai produzir.

Deverão as suas imagens ser quentes ou frias?

A resposta está dentro de si e não há uma mais acertada que outra. Existem apenas consequências. Lembre-se também que, mesmo que tenha uma preferência, não há uma "receita" que funcione para todas as imagens e, portanto, experimentar é a palavra chave.

É igualmente importante realçar que a decisão tomada no terreno não é definitiva, podendo ser alterada durante o pós-processamento, sem qualquer perda de qualidade, partindo do princípio que a fotografia foi captada em formato "RAW".

Quando optamos por criar uma imagem fria, onde predominam muitas vezes os tons de azul (primeira consequência), esta terá invariavelmente uma carga emotiva mais soturna e pesada (segunda consequência) como, por exemplo, a fotografia de sinelo captada em Pitões das Júnias (2023), "Frozen Woods" (na página anterior). Numa vertente mais técnica, também estamos a estabelecer a gama de cor à qual teremos acesso para trabalhar, tendo implicações no contraste/separação de cores da imagem (terceira consequência). Sempre que decidimos ir para um dos extremos (frio ou quente) é provável que tenhamos uma fraca separação de cores, pois introduzimos uma dominante azul ou amarela em toda a imagem. É como se "contaminássemos" todas as outras cores com tons frios ou quentes.

Uma boa separação de cores é algo que me agrada e tento fazê-lo em muitas das imagens

(como na imagem que pode encontrar nas páginas seguintes, com o título de "Barbas del Diablo"). No entanto, está longe de ser uma regra. A nossa interpretação do que vivenciamos e a emoção que queremos transmitir é, para mim, algo muito mais importante.

Para melhor demonstrar as diferenças na carga emotiva que a imagem transporta, podem ver no exemplo da "Up Above" (no esquema abaixo) em que apenas alterei o equilíbrio de brancos.



Gradiente emocional. Representação gráfica da carga emotiva associada a diferentes cores. A temperatura em Kelvin associada a cada imagem representa a opção feita em pós-processamento ou na câmara e não a temperatura da luz presente na paisagem na altura da captação da imagem.

Tudo o resto é igual entre as três imagens. Podemos ver que da esquerda para a direita a sensação de temperatura aumenta (através da compensação na câmara ou em pós-processamento de um valor de kelvin contrário) e com ela é alterada a carga emocional. A imagem da esquerda é fria e transmite quietude, enquanto que no outro extremo temos uma imagem cheia de energia; uma característica das cores quentes.

A temperatura e/ou cores de uma imagem tem, sem dúvida, um grande impacto na sua estética e carga emocional. No entanto, seria extremamente redutor pensar que apenas isto define a emoção que uma imagem transporta pois, dessa forma, imagens a preto e branco seriam despro-

vidas de emoção e isso é tudo menos verdade. Fatores como a qualidade e a quantidade de luz, presença/ausência de sombras, contraste e atmosfera têm um papel igualmente importante. "Silence" (na página seguinte) é um bom exemplo de uma imagem fria mas que, dada a presença de nevoeiro e uma luz difusa e quente que acaba por eliminar as sombras mais escuras, transmite uma atmosfera confortável. Nessa imagem, a temperatura de cor e a luz quase se neutralizam, transmitindo uma sensação de paz e silêncio. Em "Frozen Woods", as sombras mais escuras "trabalham" de forma sinérgica com a temperatura da imagem, criando um ambiente escuro e pesado.

Podemos ainda combinar estas duas "atmosferas" numa imagem só. Criar espaços quentes e espaços frios causa um contraste de emoções e de cor dentro da mesma imagem, como por exemplo em "Hope" (na capa deste artigo, Picos da Europa, 2021). Existe uma transição de um local aparentemente confortável, onde há luz e algum calor, para outro local mais distante, onde a luz já não penetra e reina o frio, o desconforto.

Tudo isto são formas de explorar a "nossa natureza" e de a transpormos para as nossas fotografias.

Este texto não tem como objetivo ser exaustivo em todos os fatores que afetam a carga emocional de uma imagem mas sim um ponto de partida para trazer ao seu consciente coisas sobre as quais pode ainda não ter pensado.

Revisite imagens antigas, procure as cores com que mais se identifica, repare no equilíbrio de brancos que usa e experimente alterar a temperatura de cor e, no final, sinta a diferença.

Não há certo ou errado, experimente, encontre o seu espaço e a melhor forma de se exprimirem através da sua fotografia.



Silence. Pitões das Júnias, 2023

Pág. seguinte:
Barbas del Diablo. Picos da Europa, 2021



Os Pensamentos que nos Atormentam e as Ideias Geniais.

Os Pensamentos que nos Atormentam e as Ideias Geniais.

Texto e fotografia por **Tiago Mateus**.

“E se um dia eu começasse a fotografar apenas a preto e branco?”

Foi precisamente este o pensamento que tive em mais uma saída fotográfica, em dezembro do ano passado, num dos muito raros dias de nevoeiro na Mata Nacional dos Medos, cujas fotografias partilho neste artigo. Esta belíssima reserva botânica, constituída essencialmente por aroeira, medronheiro e pinheiro-manso, fica praticamente no meu quintal. A mata gerida pelo ICNF está cada vez mais sujeita a uma grande pressão humana, devido à sua proximidade com as cidades de Almada e Lisboa, mas também por ser agora uma grande aposta turística do concelho com a construção de 5,6 km de passadiços. Um lugar anteriormente silencioso tornou-se palco de romarias e peregrinações

domingueiras, multidões de chinelo e salto alto atraídas pela ilusão de caminhar pela natureza. Porém, a mata ainda tem alguns cantos escondidos muito bonitos que poucos conhecem, livres de contraceptivos e papel higiénico. Tem sido nestes cantinhos que tenho feito grande parte do trabalho fotográfico destinado ao meu projeto “Pinus Pinea” dedicado ao pinheiro-manso. Neste trabalho tenho destinado grande parte do tempo a retratar as histórias dramáticas desta espécie que considero uma árvore mártir por estas bandas, devido à proximidade da mata com o oceano Atlântico, cujas tempestades vão deixando mazelas nas árvores, especialmente durante os meses de inverno. Mas, naquele dia, optei por fotografar cenários com histórias um pouco mais alegres, alguns com árvores juvenis, outros dando mais ênfase ao grafismo e teatrali-

dade das formas e gestos elegantes dos troncos e copas, com o sol, por momentos, espreitando por entre o nevoeiro, o que conferia um sentimento, por vezes, angelical aos sujeitos.

Voltando ao pensamento que tive em plena mata. Muitas vezes, em dias que estou com mais dificuldade em concentrar-me, coloco o Live View da minha Fujifilm X-T2 com uma simulação de preto e branco. Isso, normalmente, ajuda-me a afinar as composições, removendo do ecrã a distração que a cor normalmente me provoca, sabendo que, como fotografo em formato RAW, mais tarde muito provavelmente irei editar a fotografia a cores. Este processo ajuda-me a ver com mais clareza as formas, texturas e, acima de tudo, as diferenças na luminância de uma determinada cena. Ora, no dia de inver-



Mata Nacional dos Medos, 2022

no em que tive este pensamento, verdade seja dita, a cor não era abundante. A luz suave típica de uma manhã de nevoeiro tornava tudo muito dessaturado, portanto, nesse dia, tudo me parecia lógico e natural. Dias passaram, mas a semente dessa ideia já tinha sido plantada. Sucederam-se outras saídas, na Serra de Sintra, na Serra de Montejunto e no cabo Espichel e, mais uma vez, a máquina manteve-se inconscientemente em modo monocromático. Estava a definir-se um padrão, desenvolvera uma incapacidade em aceitar a cor no meu processo criativo mas, por outro lado, a minha suposta incapacidade revelava-se muito produtiva! É que após atravessar mais uma espiral depressiva, daquelas em que achamos que a nossa fotografia não vale nada, que passamos dias e dias sem vonta-

de de fotografar – coisas de artista – tinha novamente recuperado aquela faísca, aquele sentimento de novidade e de descoberta, apesar das paisagens serem exatamente as mesmas. A forma de liberdade criativa que esta abstinência proporcionara tinha levantado, de alguma maneira, o meu espírito criativo!

A simplificação, a abstração e a novidade provocada pela ausência de cor foi a lufada de ar fresco que estava a precisar para sair daquela situação que se arrastava há dois meses.

Semanas mais tarde, depois de me aperceber do que se estava a passar, voltei a questionar-me: “e se a partir de agora passasse a fotografar apenas a preto e branco?”

A pergunta desta vez deixou-me ansioso e confuso, o que aconteceria se não fosse inverno? Como poderia eu, um fotógrafo de paisagem, trabalhar durante a primavera e o verão sem o uso da cor? Os rebentos tenrinhos, as flores e os por-do-sol passariam a ser uma papa monocromática no ecrã do computador? Ou seria esta uma oportunidade para explorar coisas diferentes e desenvolver a minha criatividade? O que aconteceria ao meu estilo fotográfico? Perder-se-ia? Vocês deixariam de apreciar o meu trabalho? Então e as cores de outono?!

Como devem perceber, isto para um artista é dramático, e apesar de estar a recuperar da minha espiral depressiva, estes pensamentos voltaram a encher-me de angústia e ansiedade,



Mata Nacional dos Medos, 2022

Pág. seguinte:
Arte Nova, Mata Nacional dos Medos. 2022.



e recordei os falhanços do passado recente.

Em 2021, inspirado nos mantras do minimalismo, decidi adquirir uma máquina fotográfica muito simples, uma Olympus EP-1, modelo de 2009, e uma única objetiva de 45mm f/1.8. O objetivo era limitar as minhas escolhas e dessa forma espicaçar a minha criatividade na produção de fotografias a preto e branco ao estilo minimalista. O desafio a que me propus na altura parecia simples, faria apenas fotografia a preto e branco utilizando este equipamento e limitar-me-ia a usar rácios de imagem panorâmicos semelhantes à famosa Fujifilm XPAN (65:24) e quadrados (1:1).

E assim foi. Comecei, cheio de entusiasmo, inspirado pelas longas exposições, surreais, de Alexey Titarenko, pelas panorâmicas de Josef Koudelka e pelos quadrados minimalistas do galego Adrian Vila e do nosso Alexandre Caetano, mestres neste estilo. Porém, nessa altura, por falta de coragem ou ambição, a ideia era fazer esta experiência minimalista paralelamente com a minha fotografia habitual.

Inevitavelmente, o falhanço foi magnífico!

Acho que não fiz uma única fotografia minimalista. Todas as composições pareciam ricas em complexidade, cheias de texturas interessantes que enriqueciam as fotografias graficamente, afastando-as cada vez mais da beleza purista do minimalismo. Por outro lado, também me senti espartilhado, obrigado a usar um equipamento tão limitado. Ah! E também comecei a fotografar a cores, um pequeno detalhe...

Não querendo comparar-me a tamanho talento, era como se o famoso pintor italiano Michelan-

gelo tentasse pintar a Capela Sistina usando apenas um pincel de 40mm e uma lata de tinta preta. Aos poucos e poucos comecei a usar cada vez menos aquela máquina e o projeto caiu sem grande estrondo.

Em janeiro, regressaram os dias de sol e eu continuei a sair para fotografar com a máquina ainda encravada no modo monocromático. Contudo, desta vez com muito mais cor à minha volta e, para ser franco, a ideia começou a parecer-me muito estúpida. Apesar disso, não parei e, como tenho uma formação de base científica, decidi formular uma experiência para determinar se efetivamente seria uma ideia estúpida ou um golpe de génio.

Esta experiência consistiria em fazer uma espécie de ano sabático para o estudo exclusivo da fotografia a preto e branco, desta vez sem restrições de equipamento, estilo, género ou tema fotográfico. O único requisito seria a exclusão da cor. Esta decisão também não implicaria interromper os meus projetos em curso, visto que em todos eles tenho séries de fotografias monocromáticas e, além disso, posso sempre fazer a edição novamente a cores caso necessário, utilizando o ficheiro RAW no final da experiência.

Os desafios da minha viagem

Assim, deixo aqui o meu desafio: *comprometo-me a fotografar durante um ano sem o uso da cor, a explorar novas técnicas de produção e edição e a partilhar os sucessos e os fracassos.*

Para tal poderei usar todos os equipamentos ao meu dispor sem restrições. As doces cores da primavera não serão uma tentação e no outono não

me deixarei levar pelos vermelhos ardentes do pecado colorido!

Não será fácil! Uma coisa é chegar a casa e, ao computador, decidir colocar a fotografia a preto e branco porque as cores não estavam boas ou porque a luz não era a desejada. Penso que todos já passámos por isso, tentar remediar uma imagem com a desculpa de que é uma boa candidata para preto e branco, desrespeitando a nossa visão criativa no terreno. Outra coisa é sair de casa com intenção de encontrar sujeitos e temas que fiquem perfeitos a preto e branco e apenas fazer isso! Todo o processo requer uma abordagem totalmente diferente da fotografia a cores e é com esse processo que pretendo enriquecer a minha viagem como artista.

Partilharei aqui todas as minhas descobertas, sucessos e fracassos, abordarei questões técnicas de produção e edição, novas experiências e outros fotógrafos que me inspiram. Mas, principalmente, partilharei o meu melhor trabalho fotográfico nesta viagem de aprendizagem para um destino que ainda não conheço.



Angelical, Mata Nacional dos Medos. 2022



O reencontro, Mata Nacional dos Medos. 2022

Pág. seguinte:
Mata Nacional dos Medos, 2022.



Nas Margens do Rio Sousa. Sol e Solitude.

Nas Margens do Rio Sousa. Sol e Solitude.

A fotografia é o meio que me liga às coisas e também a uma parte distinta de mim próprio. É um ato de revelação e até de transcendência. E é nas margens do Rio Sousa, com a água como pano de fundo que a criatividade consegue exercer o máximo da sua função de trazer cá para fora aquilo que somos e como nos sentimos perante um lugar tão nosso.

Texto e fotografias por **Ângelo Jesus**.

O telemóvel desperta de madrugada, como já é costume em dias de saída. Uma das primeiras coisas que faço, depois de abandonar o quarto em modo silencioso, é olhar pela janela da sala para ver como está o ambiente lá fora. O céu estrelado é o prenúncio de mais um dia de sol, algo que se vem repetindo nas últimas semanas e que também já estava previsto para hoje. Será que me devo dar ao trabalho de sair de casa? Para fotografar o quê?

Trata-se de "bom tempo" que para os fotógrafos é por vezes considerado "mau tempo". E vice-versa. Um paradigma que também outrora seguiu. No entanto, já deixei de ter problemas com o "bom tempo". Na verdade, sempre gostei

muito de andar na natureza em dias de sol. Sou e sempre fui uma pessoa de sol. Este traz-me sempre boa disposição e muita energia espiritual. Não quero assim que seja a fotografia a condicionar a vontade de sair, ou o tempo a condicionar se faço ou não fotografia. Estes dias são um pretexto excelente para fazer algo novo e diferente. Obrigam-me a ver mais com a mente do que com os olhos.

Tenho, porém, na minha lista, alguns locais que reservo para este tipo de condições. Por exemplo, zonas onde o sol tem dificuldade em penetrar e que permanecem à sombra durante mais tempo. Alguns rios são perfeitos, especialmente quando correm em vales profundos e onde o

sol, nalguns pontos, só toca as águas já a terminar a manhã, especialmente no inverno. Tanta coisa pode ser vista se houver uma mente aberta! Pode ser mais difícil no início. Irei certamente trazer mais lixo no cartão de memória do que das outras vezes, mas o exercício criativo é o que mais importa.

Jay Maizel disse: "Não existe má luz. Existe luz espetacular e luz difícil. Depende de ti usar a luz que tens disponível."

O rio Sousa é um dos que consta da minha lista. É um afluente do rio Douro e tem uma extensão de 65 km. Nasce em Friande, no concelho de Felgueiras e desagua na Foz do Sousa, no con-



Novembro. Gondomar, Novembro 2021

celho de Gondomar. Ao longo do trajeto atravessa os concelhos de Felgueiras, Lousada, Penafiel, Paredes e Gondomar, sendo assim um elemento muito relevante dentro do Parque das Serras do Porto. Nalguns pontos, até dá para molhar os pés. Noutros, o curso torna-se inacessível e temível, moldando as enormes gargantas rochosas com a força das suas águas. Aqui a geologia é também algo fascinante e um testemunho da presença do mar que por cá andou há milhões de anos.

Tenho tudo preparado de véspera para a ocasião pois, de manhã, não quero perder tempo. Como já disse diversas vezes, não sou pessoa de grandes planos no que concerne à fotografia, mas levo muito a sério a preparação, a segurança e o conforto, especialmente porque ando sozinho na maioria das vezes. Como sou grande fã de citações, lá vai mais uma, desta vez de Pablo Picasso, da qual me recordo frequentemente: "Sem grande solitude, nenhum trabalho sério é possível." Não querendo levar esta frase à letra, diria isto de forma mais ligeira. Sem grande solitude, criatividade e expressão pessoal tornam-se menos tangíveis, pelo menos para mim.

Sinto necessidade de estar sozinho na Natureza para me ligar mais com as coisas e, eventualmente, exprimir isso de uma forma pessoal. Torno-me também melhor e mais produtivo quando estou sozinho. Podemos sair na companhia de outros, por diversas razões e, neste caso, estou-me a referir a colegas fotógrafos visto que com não fotógrafos será mesmo preferível deixar a câmara em casa. Algumas dessas razões são: para nos sentirmos mais confortáveis e seguros, como pretexto para conviver e confraternizar, para nos motivarmos, para parti-

lhar momentos e ideias com alguém que tem os mesmos interesses, para aprender ou transmitir conhecimento. Todos estes motivos são válidos e naturais, possivelmente mais para uns do que para outros.

Talvez tenha muito a ver com as características de cada pessoa, levando-nos à questão: introvertido versus extrovertido. Assim sendo, considero-me um introvertido e, sem dúvida, a partilha de experiências no terreno é para mim mais uma exceção do que regra.

A fotografia é o meio que me liga às coisas e também a uma parte distinta de mim próprio. É um ato de revelação e até de transcendência.

Sou também daqueles que se distrai com facilidade e que para entrar naquilo que se chama fluxo criativo, precisa de se libertar dos ruídos, incluindo aqueles que pairam constantemente na própria mente. Quero, porém, salientar que esta é apenas a minha forma de ser, estar e, acima de tudo, de viver a arte. Não é certa nem errada, mas é a certa para mim.

Mais haveria a dizer acerca deste tema. Desvantagens ou compromissos, cuidados a ter, níveis de autoconfiança, segurança, melhores práticas e muitas outras coisas que ocupariam este artigo em demasia e que talvez possa deixar para outra temporada.

Voltando ao terreno. As margens do Sousa têm uma certa mística nas primeiras horas do dia, especialmente em manhãs frias e com as neblinas a pairar sobre o leito do rio.

Sente-se o ar fresco que vem das águas plenas de vigor, bem abastecidas pelas chuvas dos últi-

mos meses. Os corvos marinhos voam bem cedo ao longo do rio e o som forte da corrente é algo quase sempre presente e com o qual o cérebro se habitua. Os percursos seguem mais ou menos a mesma linha do curso de água, por vezes afastados das margens caóticas, com vegetação rebelde a estragar frequentemente, qualquer composição com potencial. Se avanço mais um pouco, posso cair numa ravina. Se me chego à direita, surge outro elemento indesejado no enquadramento. Se for para a esquerda a composição perde energia ou equilíbrio. Por vezes é melhor desistir e seguir em frente.

Há outras alturas em que o caminho permite quase tocar na água e por ali ficar durante algum tempo, simplesmente a observar as diversas secções da corrente, onde talvez depois se consiga fotografar alguma coisa. O casamento da água com as rochas é muitas vezes o ponto de partida para uma ideia, onde os resultados são, na maioria das vezes, bastante imprevisíveis. Nalguns pontos, as margens fixam os detritos que vêm com a corrente, ferindo o cenário visual. Feridas essas, mais tarde a serem curadas com a ajuda do Photoshop.

Adoro este céu azul refletido nas águas menos turbulentas que ondulam, de forma aleatória, e que quase nos hipnotizam, com imagens distintas a cada segundo que passa.

Mais a sul, onde o rio verdadeiramente se acalma – mais ainda nas manhãs sem vento – veem-se os reflexos tremidos das árvores junto às margens, como se de pinturas se tratassem. Surge depois uma ave, a nadar à distância e a provocar uma ondulação que se propaga até à margem, tornando o reflexo anterior, diferente e mais abstrato.

Quase sem dar por isso, vai chegando a altura de regressar a casa. O que me desperta mais ainda que o sol que, entretanto, já me toca a face, é a percepção de que já não estou sozinho. Chegam os corredores, os ciclistas, aqueles que vêm apenas fazer o seu passeio matinal e o sempre irritante e cada vez mais frequente zumbido das motas.

Ainda assim, sem deixar perder o encanto de mais uma manhã bem passada e ansioso para rever o material no computador, caminho alegremente até ao carro, para mais uma curta viagem até casa.

Grato por mais esta experiência.

Nota final: as imagens partilhadas neste artigo foram feitas ao longo das margens do rio Sousa nas zonas de Paredes e Gondomar, em alturas diferentes, mas em condições meteorológicas semelhantes.



A Queda. Paredes, Janeiro 2023



Pág. anterior:
Rio Dourado. Gondomar, Novembro 2021



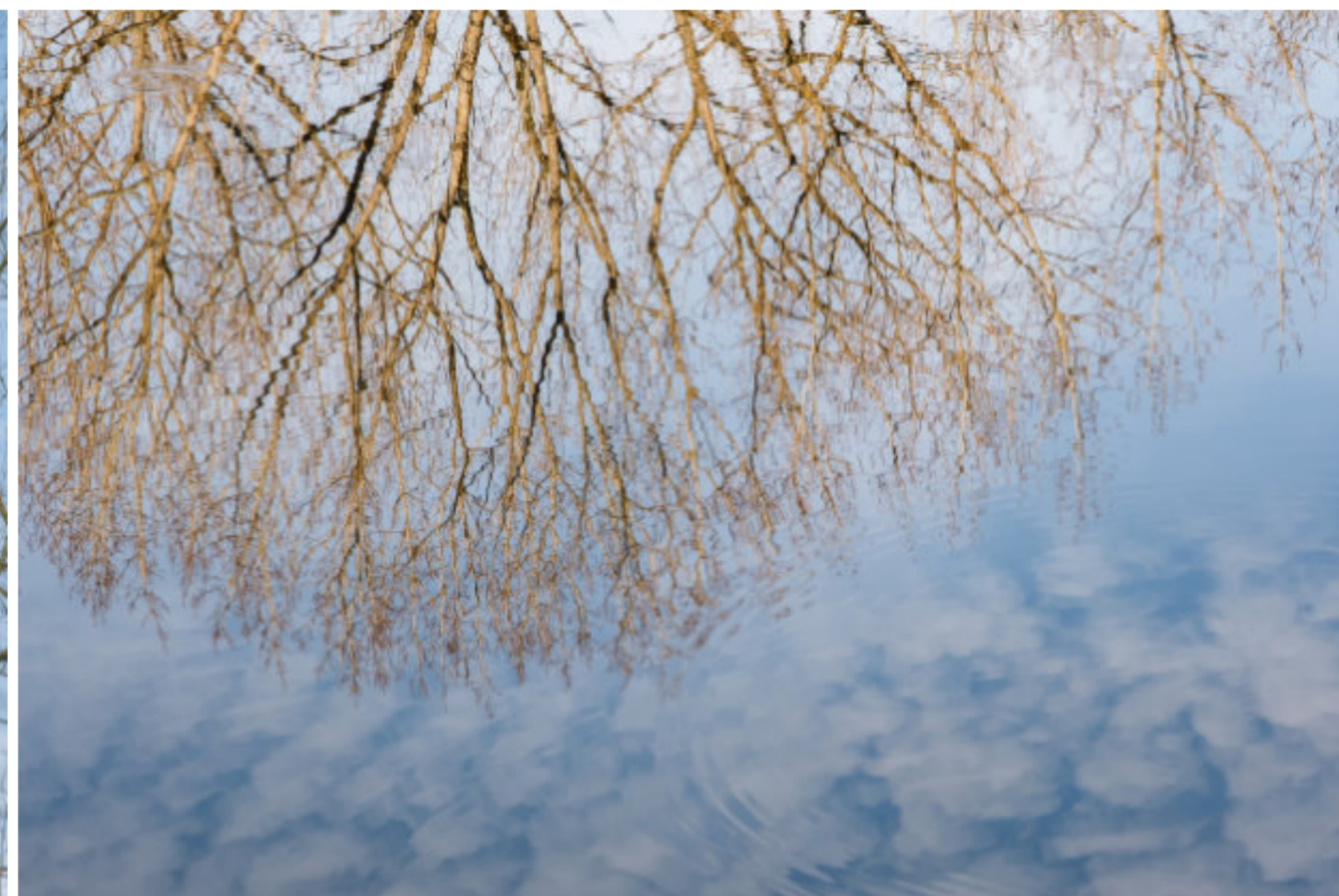
Destaque. Gondomar, Fevereiro 2022



Cabeleira. Gondomar, Janeiro 2017



Margens I. Gondomar, Fevereiro 2022



Margens II. Gondomar, Fevereiro 2022

Pág. seguinte:
Anticlinal III. Paredes, Janeiro 2023





Antinclinal I. Paredes, Fevereiro 2015



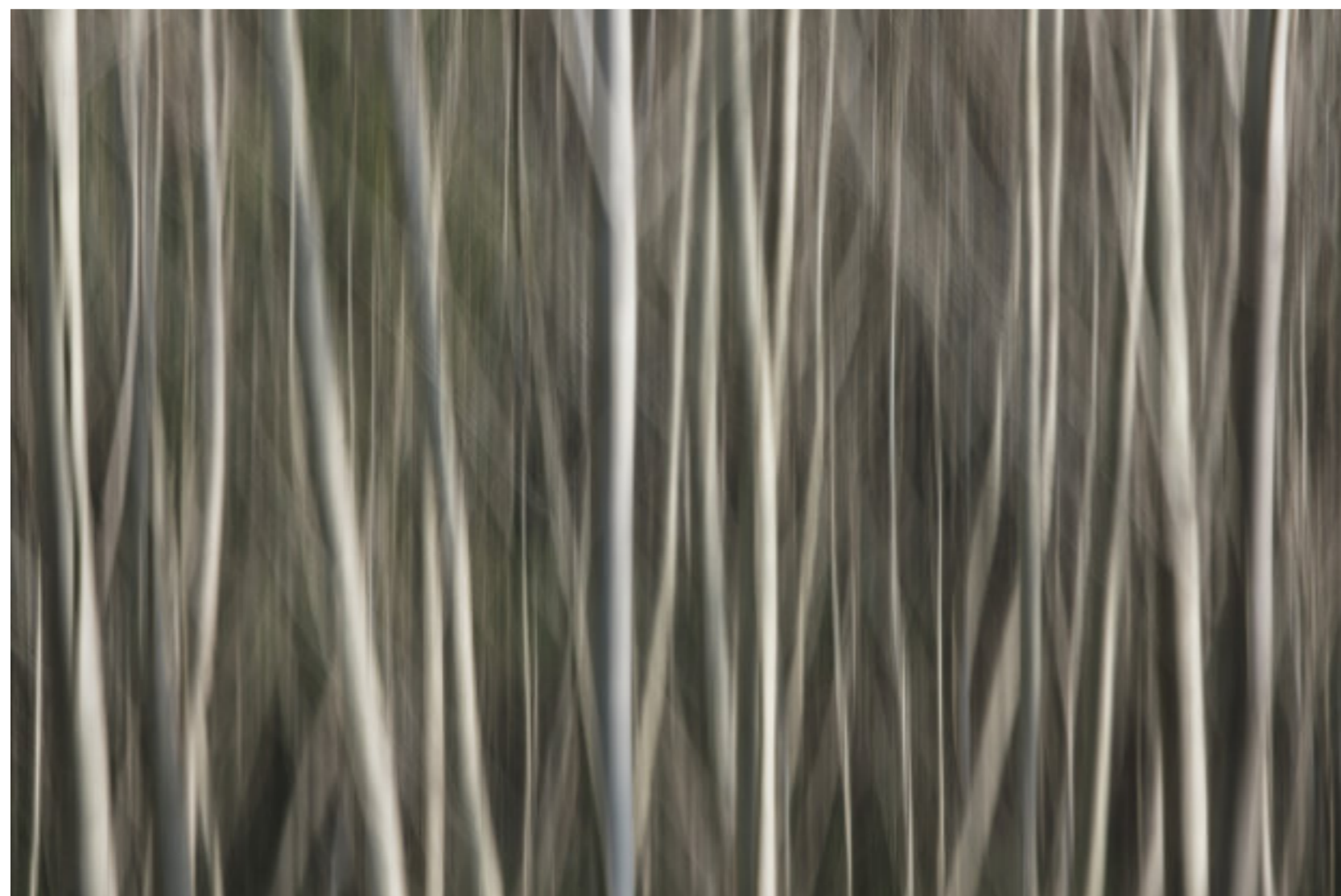
Antinclinal II. Paredes, Janeiro 2023



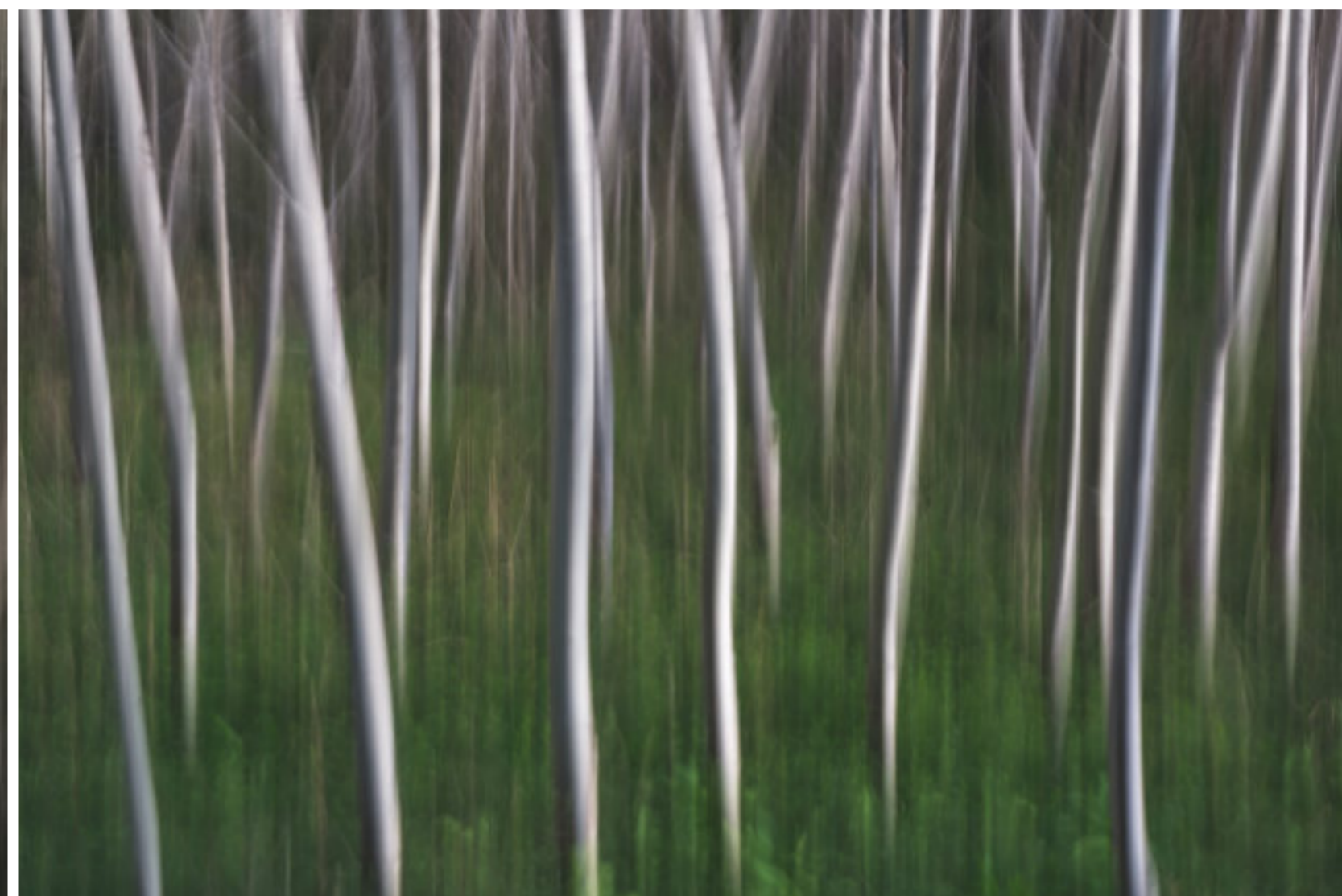
Corrente I. Paredes, Janeiro 2023

Pág. seguinte:
Corrente II. Paredes, Janeiro 2023





Ritmos I. Gondomar, Fevereiro 2022



Ritmos II. Gondomar, Fevereiro 2022

Nitidez. Recuperando a presença das nossas imagens



Nitidez.

Recuperando a presença das nossas imagens

Texto por **Luís Afonso**.

A maior parte das câmeras digitais modernas possui um filtro *anti-aliasing* (AA). O *aliasing* surge quando a frequência de padrões repetidos parece ser quase a mesma no momento em que são captados pelo sensor digital. Quando o sensor tem dificuldade em separar as frequências desses padrões mistura-os, criando o que é chamado de *moiré*.



Exemplo de um padrão suscetível de moiré (© David Clode)

Este *moiré* pode ser facilmente visível em imagens de determinados tecidos (vestuário) e de muitos padrões de malha fina, como a penugem de uma ave. O filtro AA previne este efeito ao suavizar, de forma ténue, as imagens guardadas

no sensor. Esta suavização produz imagens menos nítidas, sendo necessário, na fase de pós-processamento, corrigir esta “deficiência”.

Quer isto dizer que nas câmeras que não possuem o filtro AA, produzindo assim imagens mais nítidas, não é preciso aumentar a nitidez? Nem por isso. Se queremos dar “mais vida” às nossas imagens ou realçar certos elementos, o aumento da nitidez continua a ser fundamental, mesmo em ficheiros produzidos por câmeras sem o filtro AA.

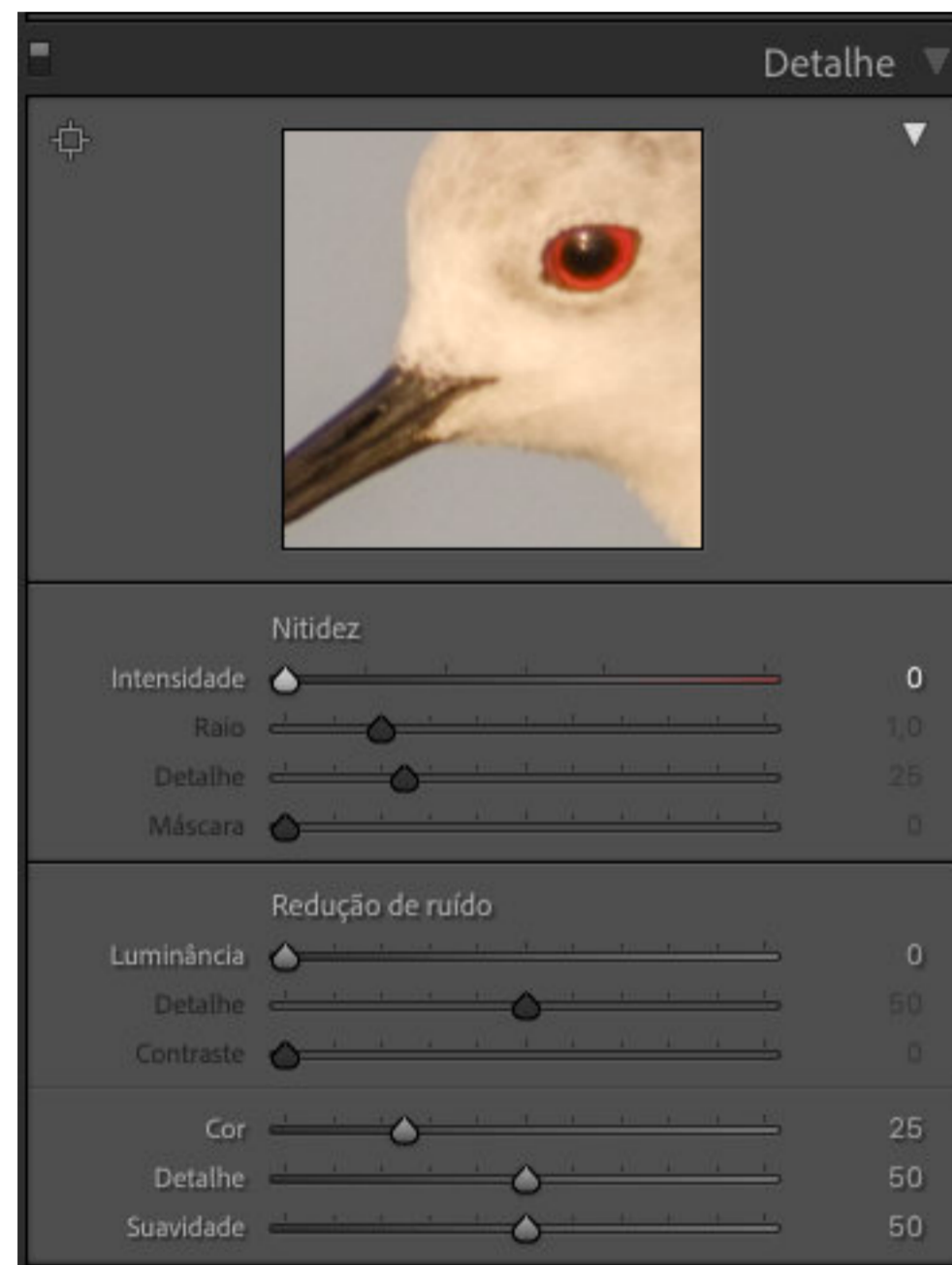
As aplicações de pós-processamento de imagem, como o Photoshop ou o Lightroom, permitem recuperar alguma da nitidez perdida na utilização do filtro AA através do aumento do contraste nos contornos dos vários elementos da imagem. O aumento do contraste passa por tornar os pretos mais pretos e os brancos mais brancos, criando uma separação mais clara entre estes extremos. Ao emprestarmos a uma

imagem contornos mais contrastados estamos a aumentar a sensação de nitidez da mesma.

Aumentando a nitidez usando o Lightroom Classic

O Lightroom Classic possui ajustes de nitidez verdadeiramente poderosos. Podemos encontrá-los dentro do módulo “Revelação”, no painel “Detalhe”. Estes ajustes são muito semelhantes à ferramenta “Máscara de Nitidez” do Photoshop, oferecendo controlo extra sobre como se podem aprimorar as nossas imagens. Com o bónus adicional de nada disto ser destrutivo, ou seja, podemos sempre voltar atrás em qualquer altura. Ao contrário do Photoshop e de outras aplicações de processamento de imagem, o Lightroom Classic não altera as imagens originais, guardando todos os ajustes realizados num ficheiro separado: o catálogo.

Vamos fazer um exemplo, numa fotografia de um pernilongo captado na zona da Ria Formosa. Comece-se então por entrar no módulo de revelação (tecla “D”) e, com a imagem a 100% (é muito importante ajustarmos a nitidez com a imagem sendo visualizada a 100%) naveguemos no painel da direita até à secção “Detalhe”.



A secção “Nitidez” possui quatro ajustes.

Intensidade: a quantidade de nitidez que queremos aplicar a uma imagem. Zero significa que nenhuma nitidez é aplicada à imagem. Quanto maior o número, mais nitidez será aplicada. É preciso ter em conta que à medida que se aumenta este ajuste, também aumentará o ruído,

pois os contornos do ruído também serão afetados. Normalmente defino 80 como o valor padrão para as minhas imagens, aumentando ou diminuindo o valor dependendo da imagem e dos níveis de ruído.

Raio: o tamanho da área afetada perto dos contornos. O valor padrão de 1,0 significa que o Lightroom aplicará nitidez em 1 pixel sobre os contornos. Se aumentarmos o raio para um valor máximo de 3,0, a nitidez será espalhada por três pixels ao redor da borda, resultando em contornos mais espessos e “sombreados”. Eu uso um valor de raio padrão de 1,0 na maioria das vezes e recomendo mantê-lo abaixo de 1,5.

Detalhe: como o nome sugere, este ajuste controla a quantidade de nitidez nos contornos ou “detalhes” da imagem. Um valor pequeno, como 0, apenas realça arestas grandes, enquanto um valor alto, como 100, ajusta as arestas menores. Por exemplo, se estivermos a processar uma imagem de uma ave, se deixarmos o detalhe em “0”, apenas as bordas das penas grossas ficarão mais nítidas, enquanto usar um número maior acima de 50 realçará até as penas mais finas. Eu tento manter este ajuste abaixo de 50 porque números mais altos tendem a aumentar consideravelmente a quantidade de ruído.

Máscara: este é um dos recursos mais úteis e versáteis e que nos permite escolher que áreas não devem ser afetadas, semelhante à ferramenta de máscara do Photoshop. Esta opção permite impedir que o ruído extra, produzido pelos ajustes “Intensidade” e “Detalhe”, vá para além dos assuntos que pretendemos ajustar, em especial em zonas fora de foco. Embora não seja muito útil para imagens com muito detalhe

e muitos contornos em toda a imagem, funciona na perfeição para imagens que isolam os objetos do fundo. Quanto mais suave e menos definido for o fundo, melhores serão os resultados.

Utilização da tecla Alt/Option

Um dos maiores desafios deste tipo de ajuste é visualizar o efeito da nitidez nas nossas imagens. Visualizar a imagem a 100% ajuda e é fundamental, mas usar ajustes como o raio, o detalhe e a máscara não é nada intuitivo, pois as pequenas alterações podem ser invisíveis quando olhamos para a imagem. É aí que a tecla Option/Alt é extremamente útil. Basta pressionar a tecla Option (no Mac) ou Alt (no PC) enquanto se usa o rato para mover o controle deslizante da esquerda para a direita em qualquer um dos quatro ajustes. O resultado será este:



É assim que a imagem fica quando se pressiona a tecla Option/Alt e se move o ajuste “Raio”. Isto dá-nos uma indicação clara de como o valor que escolhemos irá afetar a imagem. Como se pode ver, na configuração máxima de “3.0”, o raio ao redor das bordas é muito grosso, dando uma aparência não natural à imagem

e desenhando sombras escuras à volta do assunto principal. Premir a tecla Option/Alt enquanto se movem os ajustes “Intensidade” e “Detalhe” também mostrará o seu efeito utilizando um fundo cinza, oferecendo uma boa ideia de como a configuração escolhida afetará a imagem.

O ajuste “Máscara” funciona de maneira ligeiramente diferente. Como referido anteriormente, a ferramenta de máscara é usada para podermos deixar as áreas “lisas” intactas, enquanto se aplica nitidez apenas nos contornos. Pode controlar-se onde começam esses contornos movendo o controle deslizante de 0 para a direita. Em “0”, nenhuma máscara é aplicada à imagem e, portanto, toda a imagem é aprimorada. Se a imagem tiver um fundo “liso” como um céu, o aumento da nitidez de forma global certamente adicionará ruído ao céu.



Na imagem acima podemos ver que toda a zona a branco será afetada, incluindo o fundo. Ao movermos o ajuste para a direita, o fundo vai sendo excluído. Tudo o que estiver a escuro, enquanto deixamos pressionada a tecla Alt/Option, será mascarado, ou seja, será excluído da aplicação da nitidez. O que isto faz é que o Lightroom aplique nitidez apenas na ave, deixando intactas as áreas em seu redor. Esta é

uma ótima maneira de aprimorar objetos seletivamente, sem afetar a imagem inteira.

Coloquemos agora estes ensinamentos em prática. [Descarregue o ficheiro desta imagem para o seu computador](#) e importe-a para o Lightroom.



Fuji X-T4, XF150-600, 1/400, f/11, ISO 400

1. Dentro do Lightroom, selecione a imagem pretendida e pressione a tecla “D” para ir para o módulo “Revelação”. Abra o painel lateral direita e deslize para baixo até à secção “Detalhe”.
2. Prima a tecla Option/Alt e mova o controle deslizante “Intensidade” para cerca de 75. Observe como o fundo fica com um pouco de ruído quando o valor fica acima de 50. Tente mover até 150 para ver algum ruído no fundo. Volte para 100 e solte a tecla Option/Alt quando terminar.
3. Prima a tecla Option/Alt e mova o controle deslizante “Raio” de 1,0 para 3,0. Observe como as bordas ao redor do pássaro ficam grossas. Solte a tecla Option/Alt e veja como as bordas ficam brancas. Agora coloque o

Raio de volta em 1,5 movendo o controle deslizante ou digitando “1,5” no lado direito.

4. Prima a tecla Option/Alt e mova o controle deslizante “Detalhe” para 75. Observe os contornos mais nítidos.
5. Finalmente, segure a tecla Option/Alt e mova o controle deslizante Masking de 0 a 50. Observe que apenas o pássaro está visível – o fundo deve ser completamente preto.

Olhe para o resultado final e pressione o botão “\” no seu teclado várias vezes para ver como a imagem ficou antes e depois de lhe aplicar a nitidez. Também pode ver as imagens Antes e Depois em duas janelas separadas pressionando o botão “Y” ou pode usar o botão no painel “Detalhes” para ativar ou desativar a nitidez.

Visualize as diferenças nas versões abaixo para antes e depois.



Antes da aplicação da nitidez



Após a aplicação da nitidez

Nitidez de Saída

Outro termo a ter em conta é a nitidez de saída. A imagem acima estará pronta a ser partilhada mas, a não ser que essa imagem seja para ver no seu ecrã sem ser redimensionada, irá sofrer alterações quando a for partilhar: ou vai redimensiona-la para partilha na web, por exemplo, ou vai redimensiona-la para impressão. Em qualquer um destes casos a imagem irá perder nitidez, pois sempre que a redimensiona isso acontece.

Por essa razão, uma das opções no ecrã de exportação do Lightroom é a “Nitidez da saída”. Isso faz com que o Lightroom escolha, de forma automática, com base nas opções que seleccionar, que aumento de nitidez vai aplicar à imagem depois de exportada.

Por exemplo, se escolher imprimir num papel mate, o nível de nitidez aplicada será diferente daquela que vai ser usada se optarmos por um papel brilhante ou se exportarmos para o ecrã de um computador.

Não vou entrar, neste artigo, em grandes detalhes sobre este assunto. Ficará, certamente, para uma nova partilha. Mas o que sugiro é que se escolha uma das opções segundo o destino final da nossa fotografia (impressão em papel brilhante, papel fosco ou visualização em tela) e na opção “Intensidade” deixar por defeito o valor “Padrão”. Em alternativa (o que eu faço) é desligar esta opção do ecrã de exportação (não aplicando qualquer nitidez de saída) e depois, na aplicação onde vou imprimir, para dar um exemplo, aplicar nitidez já no formato final da imagem. Ou seja, será sempre o último passo antes de clicar em “Imprimir...”.

Mas o importante é que perceba que, depois de qualquer redimensionamento da imagem, é necessário (agora de forma global) voltar a aplicar nitidez.

Inteligência artificial

Até agora temos estado a falar de como aplicar nitidez confiando na nossa própria sensibilidade, ajustando as opções da ferramenta consoante aquilo que achamos estar correto.

Mas, como já lemos nesta revista, a inteligência artificial (IA) veio para ficar e o *software* de processamento de imagem está cada vez mais dependente dela.

Uma das aplicações mais brilhantes dessa tecnologia à nitidez de imagem é o Sharpen AI da Topaz Labs.

O Topaz Sharpen AI é uma ferramenta poderosa que torna mais nítidos e aprimora os detalhes originais das nossas fotografias usando a mais avançada tecnologia de IA. É uma aplicação

simples de usar que alcança resultados impressionantes, ao corrigir e recuperar inclusive imagens fora de foco.

Sim, leu bem. Imagens fora de foco. Costumávamos dizer que uma imagem tremida ou fora de foco seria irrecuperável. Podemos aplicar nitidez a uma imagem suavizada pela presença do filtro AA ou pela fraca definição de determinada objetiva, mas não havia nada a fazer com aquelas fotografias ligeiramente tremidas ou fora de foco. Bom, com o Sharpen AI isso muda um pouco.

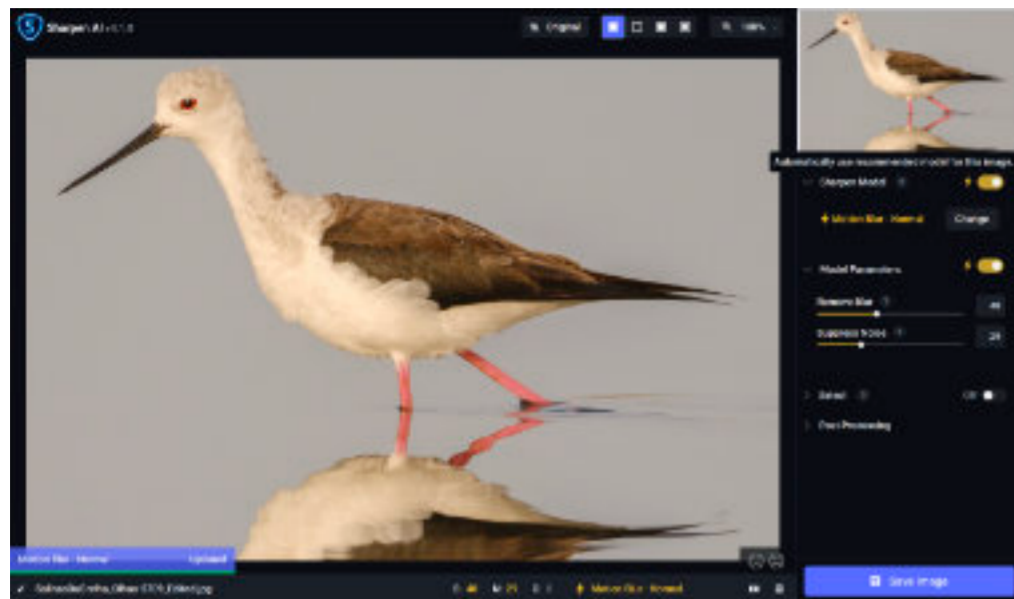
Como é óbvio, nenhuma aplicação (por enquanto) consegue corrigir uma imagem completamente desfocada ou muito tremida. Mas o que o Topaz Sharpen AI consegue fazer é realmente fabuloso. Tudo isto, de forma automática.

Aconselho que comece por descarregar a versão de teste da aplicação e comprovar por si mesmo. A versão de teste funciona tal e qual a versão final, apenas as imagens que gravar ficam com uma marca de água até ativar a sua compra.

A aplicação pode ser usada de forma independente ou como *plugin* do Lightroom e/ou Photoshop.

Ao carregarmos uma imagem para o Sharpen AI o programa automaticamente sugere o método de aplicação de nitidez (ou aprimoramento da imagem) que mais se adequa à mesma. Se ele reparar que a imagem está fora de foco, é provável que escolha a opção “Out of focus”. Se, por outro lado, a imagem estiver bem focada e apenas suavizada, o método eleito deverá ser “Too Soft”. E o mesmo acontece para imagens

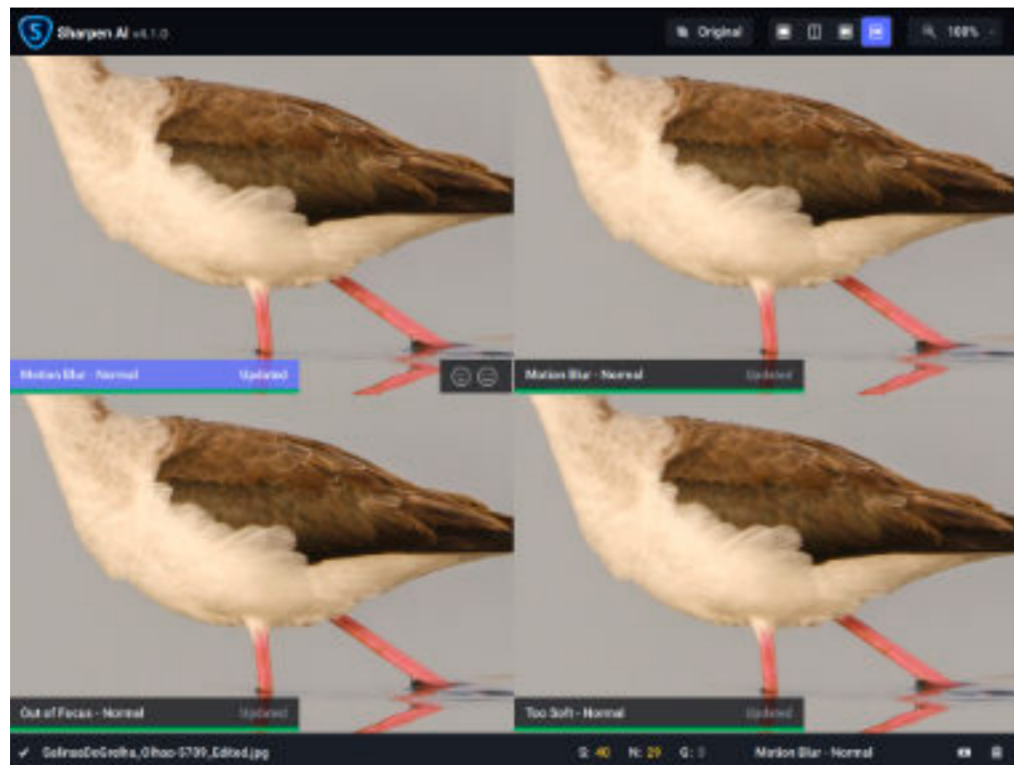
tremidas, onde a opção a escolher será por certo a “Motion Blur”.



Janela da aplicação Sharpen AI

Dentro de cada um destes modelos existem depois várias opções: “normal”, “very noisy” e “very blurry”. Tudo isto é auto-explicativo, mas também escolhido de forma automática.

Como em qualquer programa que usa IA, a mesma pode ser controlada pelo ser humano.



Vista de Comparação do Sharpen AI

Podemos comparar os vários modelos na Vista de Comparação e selecionarmos a que nos pare-

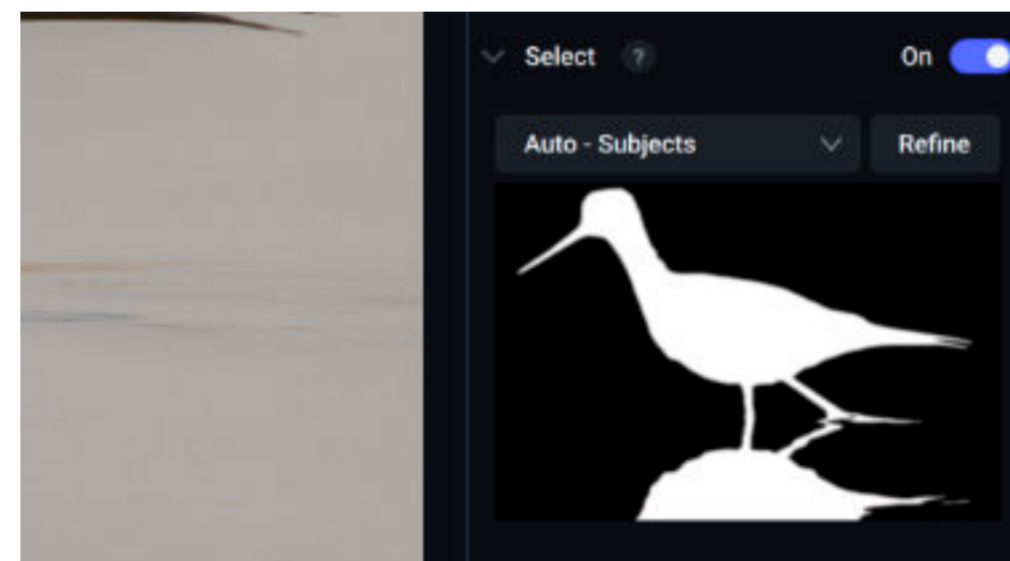
cer melhor para a imagem em causa, ou podemos ser nós a escolher como ponto de partida o modelo que nos parecer mais adequado.

Depois de selecionado o modelo que melhor se ajusta à nossa imagem podemos ainda refinar esta escolha através das opções:

- **Remover desfoque:** esta ferramenta reduz o desfoque da imagem usando o modo de nitidez selecionado acima. Tente manter os valores abaixo de 50 para evitar artefatos ou halos indesejados.
- **Suprimir ruído:** para reduzir o ruído presente na imagem.

Independentemente do modelo escolhido, em algumas das situações (como no exemplo da nossa ave), o nosso objetivo é aplicar o aumento de nitidez de forma local e é aí que a ferramenta de máscara do Sharpen AI é extremamente útil.

Para ativar a possibilidade de selecionar a área onde vamos aplicar a nitidez devemos colocar a opção “Select” a ON.



A utilização de máscaras é um conceito fácil de

entender na aplicação da Topaz. Tal como no Lightroom, branco = aplica, preto = não aplica. O Sharpen AI consegue detetar automaticamente o assunto na fotografia graças à ferramenta de seleção automática, e até nós lhe podemos dar uma ajuda no momento de detectar um assunto, retrato ou paisagem de forma automática.

Depois da seleção automática, o nosso assunto ficará “pintado” a branco. Se não estivermos completamente satisfeitos com os resultados dessa seleção automática podemos ajustar essa máscara clicando em “Refinar”.

Ao selecionarmos “Refinar” uma série de opções ficam ao nosso dispor, com o objetivo de criar uma máscara perfeita de aplicação do modelo de nitidez escolhido. Depois de escolhida essa máscara, basta “Atualizar a máscara” e visualizar a imagem processada.

Não há dúvida que os resultados são brilhantes e considero esta ferramenta essencial para qualquer fotógrafo de natureza, vida selvagem, entre outros. A sua capacidade para, de forma automática, aumentar a nitidez das nossas imagens e corrigir defeitos de captação é fantástica.

Ainda assim, é preciso ter em conta que vai precisar de uma máquina potente para usar esta aplicação. Num Intel Core i7, a renderização do modelo chega a demorar mais de meio minuto. A ferramenta de máscara é também algo lenta de usar. Vai precisar de ter alguma paciência com este robô...

Thomas D. Mangelsen

The Last Great Wild Places

Primeira edição: Nova Iorque, 21 de outubro de 2014
Rizzoli International Publications, Inc. (48 x 32 cm, 224 páginas, capa dura)

Vencedor do NOBA - National Outdoor Book Award winner for Design and Artistic Merit 2015

Texto por **Rúben Neves**.



"A diversidade da vida neste planeta é um presente milagroso. O que me dá maior alegria é poder compartilhar momentos dessa dádiva. Espero que o meu trabalho seja um testemunho do poder da beleza intemporal e que sirva para recordar que não devemos dar como adquiridas as nossas queridas criaturas selvagens." ~ Thomas D. Mangelsen

Uma vida dedicada à fotografia dificilmente pode ser resumida num livro. Mas o exercício de juntar, numa só coleção, "os últimos grandes locais selvagens" pode revelar-se uma tarefa desafiante. Desafio esse que ganha contornos inimagináveis quando temos, no nosso arquivo, 45 anos de imagens, umas ganhadoras de prémios conceituados e outras consideradas [marcos](#) na história da fotografia de natureza e vida selva-

gem. Neste livro, Thomas Mangelsen selecionou fotografias que vão das latitudes mais longínquas às mais acessíveis preenchendo as distâncias com pormenores e momentos marcantes de cada região por onde foi passando. São mais de 150 fotografias, das mais vistosas às menos conhecidas. E esse é o primeiro aspeto que salta à vista quando começamos a folhear este livro, podendo mesmo surpreender os mais apaixonados pelo esplendor visual que tantas vezes se espera de um livro desta índole. Nas palavras de Mangelsen, "paciência, luz e comportamento animal" são os elementos que procura juntar na busca pela imagem perfeita. Talvez por isso este livro seja tão abrangente como surpreendente. A cada folha que vamos virando os sentidos vão sendo espicaçados de forma diversificada. A contemplação de uma paisagem rapidamente dá espaço ao imaginário representado por um momento de caça, voltando rapidamente à calmaria de uma ave em pleno descanso. É um livro com um ritmo particular, de quem passou mais de quatro décadas a viajar e a registar de forma peculiar o contexto que encontrava - poderoso mas tangível, belo mas intrigante, austero mas cativante.

Os momentos mais artísticos contrastam com os registos mais puros da vida animal, das plantas, dos espaços vazios, uns mais selvagens do que outros, todos devidamente assinalados com o

local e a data. Um sentido de humor refinado marca algumas legendas e sente-se, com o avançar do livro, o cuidado particular com que foi escolhido aquilo que vamos vendo. A narrativa vai-se fazendo com a vontade de folhear cada vez mais. Vamos tendo a noção de que as imagens privilegiam os comportamentos sobre os momentos bonitos que nos fazem, muitas vezes, romantizar toda a fotografia de natureza e vida selvagem. Aqui e ali, por entre uma dinâmica de leitura inteligentemente definida quer pela natural imposição dos ângulos das objetivas escolhidas quer pelos diferentes pontos de vista, conseguimos entender as diversas relações entre a dimensão e a geografia da Natureza face aos seus constituintes. Uma experiência que se arrasta pelas secções de imagens divididas pelos diversos continentes (quase sem darmos por isso) e pela variedade de espécies (e respetivos comportamentos) apresentadas.

Fica claro, nesta experiência pelo mundo natural, que as fotografias, quando servem um propósito ou quando estão ao serviço de um objetivo, não se agrafam a um tempo. Algumas até poderiam ter sido realizadas na atualidade, com a mesma história, com o mesmo impacto. Essa faceta afasta Mangelsen do registo meramente factual ou da busca por um rosto bonito. A intemporalidade é evidente passados mais de 40 anos de levantamento visual por todos os continentes e que ajudam a que as fotografias aqui mostradas comecem e encerram, em si próprias, as histórias que pretendem contar. Fazendo menção à máxima “Every picture tells a story”, cunhada pelo seu colega e amigo Frans Lanting, Thomas Mangelsen deixou, certamente, o seu companheiro orgulhoso com este livro. O tempo e a história, como [conta](#) Mangelsen, fazem com

que a fotografia possa demorar algum tempo a ser alcançada. Mas depois de mil disparos, como refere, podemos conseguir a fotografia que queremos e que havíamos tentado fazer, vezes sem conta, pré-visualizando-a mentalmente, até chegarmos ao ponto da satisfação (e do reconhecimento) pelo resultado final.

O livro tem a escrita do reputado jornalista americano Todd Wilkinson que aqui se rende ao estilo de um contador de histórias sobre um amigo e profissional que admira. A narrativa estende-se às intervenções de outros fotógrafos sobre Mangelsen, revelando a sua personalidade, as suas crenças e peripécias de carreira. As suas origens, a família e as opções de vida são descritas de forma simples mas reveladora ajudando a descobrir a pessoa por detrás do fotógrafo.

Voltamos facilmente ao livro, caso não o consigamos apreciar de uma só vez. E mesmo terminando, a inspiração exige um regresso. Não só pelo aprumo da encadernação ou pela qualidade de impressão mas, sobretudo, pelas sensações que transmite. Não só de beleza mas de equilíbrio, de abrangência e de tangibilidade sobre o que vemos.

Como escreve Jane Goodall no afetuoso prefácio, coloquemos de lado as questões do dia-a-dia e preparemo-nos para uma verdadeira viagem. Com efeito, este livro é para ser visitado, sempre que possível, com a calma... e o espaço necessário. Isto porque quando está aberto, ocupa quase um metro de lado. Penso que terá sido a forma do autor dizer: “arranjem lá espaço porque isto vale a pena”. E vale mesmo!

O livro pode ser comprado no [site](#) do autor mas

fica a nota para os portes e para o tamanho. Não são todas as estantes em que o conseguimos arrumar como também não será numa estante que ficará melhor. Para quem gosta de livros impressos dá gosto ver fotografia de qualidade em bom papel e em formato substancialmente maior do que o habitual.

Pág. inicial desta secção:
© Tom Mangelsen. *Born of the North Wind*
Hudson Bay, Manitoba, Canada

Abaixo:
Capa da edição publicada em 2014 nos EUA.
Capa dura, 224 páginas, 48 x 32 cm
ISBN-13: 978-0789327420

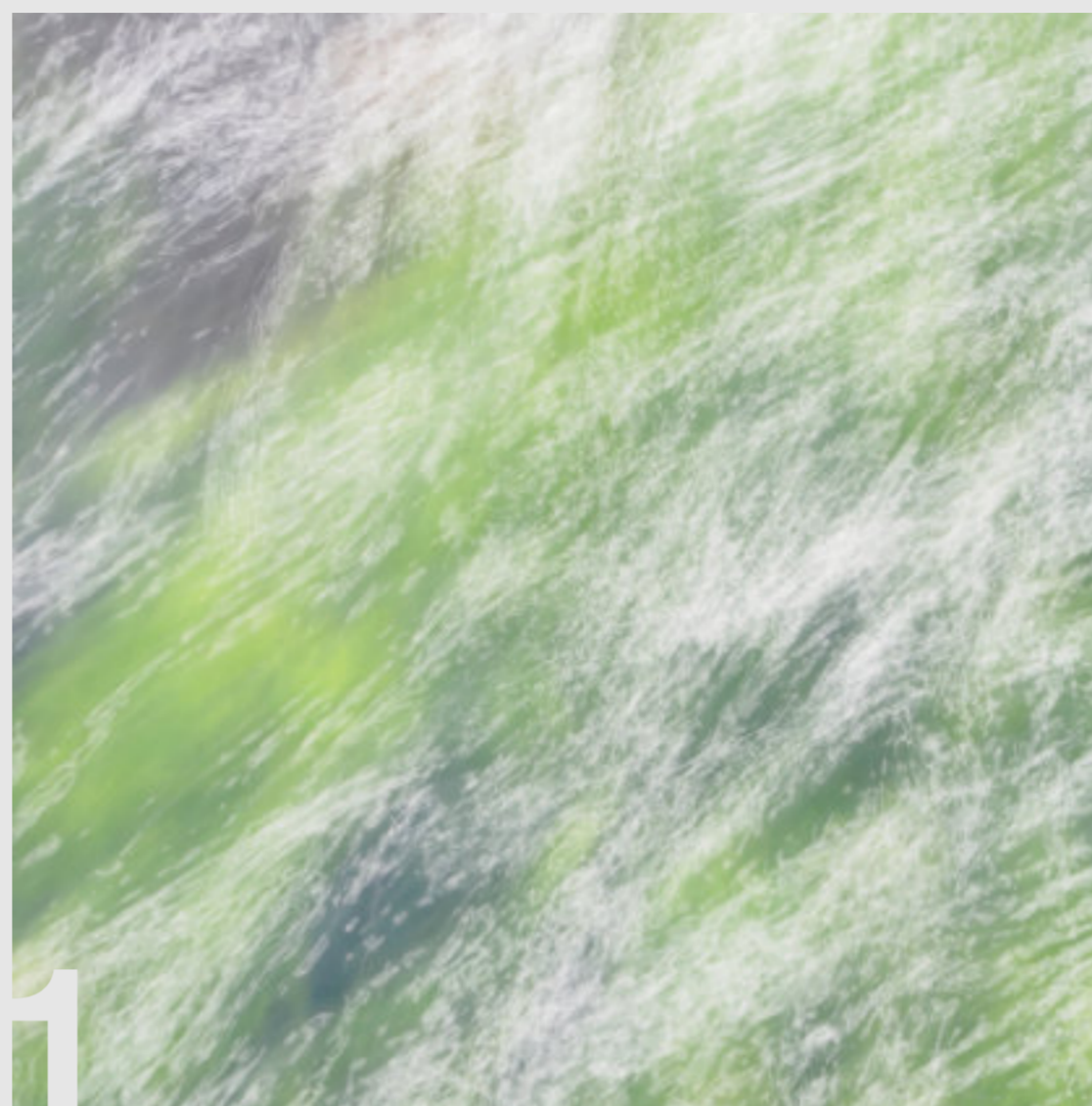


4:três

Três autores, quatro imagens, unidas por algo em comum. Esta secção é de todos os que lêem esta revista. Se queres participar, envia as tuas imagens, acompanhadas de um texto sobre as mesmas e o elemento que as une, para o email one@luisafonso.com.

Nesta edição:

1. Carlos Tenente
2. José Valverde
3. Pedro Crispim



O formato de imagem 4:3 é utilizado pela maioria das câmeras digitais *point-and-shoot*, pelos sistemas *Four Thirds* e *Micro Four Thirds* (OM System e Panasonic, por exemplo) e em câmeras 645 de médio formato. O formato digital 4:3 foi desenvolvido para combinar com os monitores digitais dos finais do séc. XX e início do séc. XXI, monitores de computador baseados nas TVs da altura.

Chamado de "janela clássica", utilizado na televisão tradicional (SDTV) e na grande maioria dos ecrãs de computadores até por volta de 2009, tem como origem e grande utilizador todo o cinema feito até por volta de 1950.

Ainda hoje é usado em alguns raros filmes que buscam aquele cheirinho do antigamente, com o seu enquadramento "clássico". É ainda usado na gama de iPads da Apple.

O Rio Côa

Texto e fotografias por **Carlos Tenente**.

Instagram: **@carlostenente_fotografia**

*Rio Côa
Que viste,
O meu Pai nascer,
Dar os seus primeiros passos,
Brincar nas tuas margens.*

*E agora que te encontro
Me apaixono por ti.*

*Belo é o teu caminho,
Água levas aos moinhos,
Umás vezes mais rápido
Outras vezes mais calmo,*

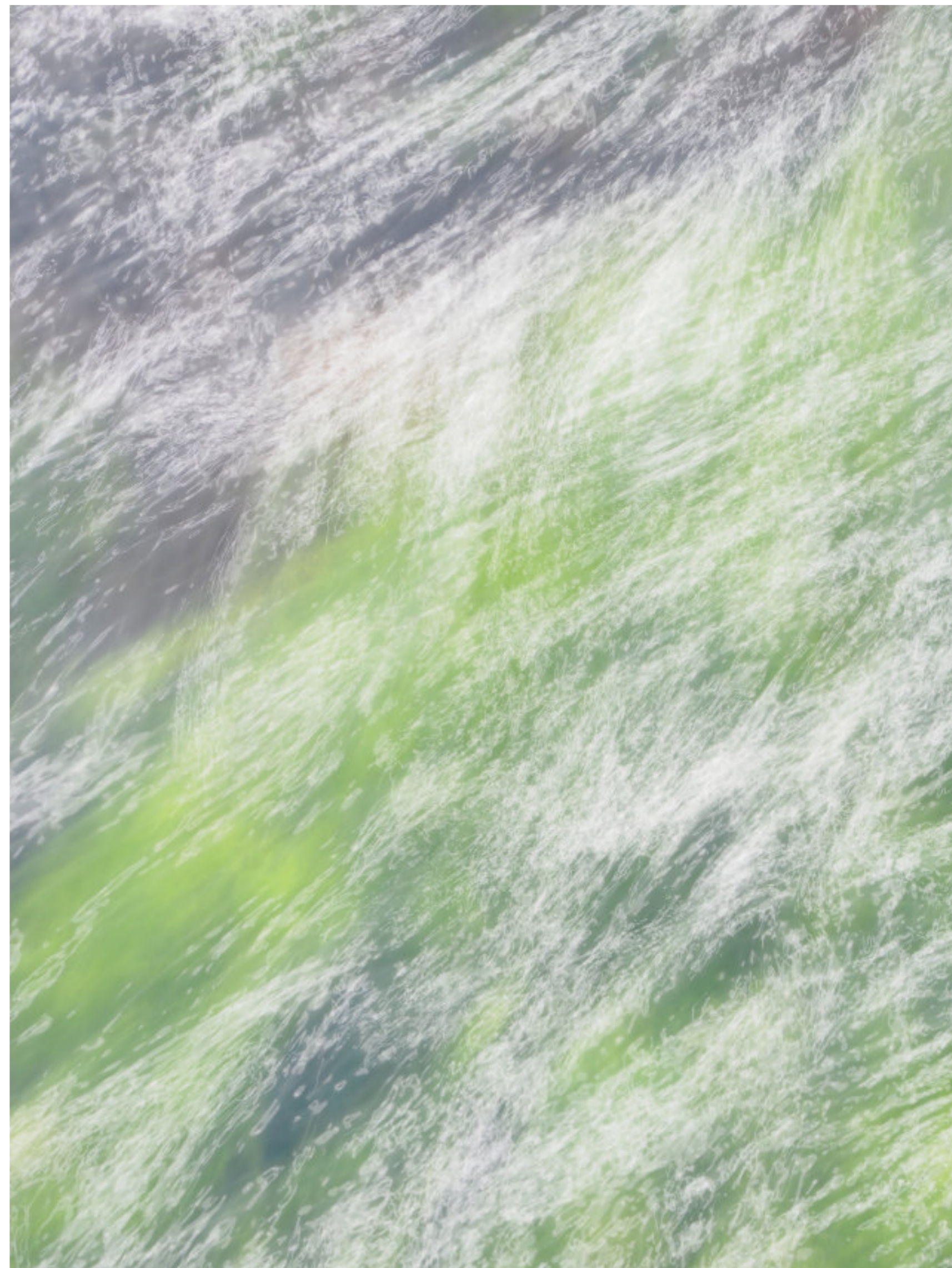
*Ao longo do caminho,
Corres entre pedras,
Muitos terrenos ensopas
Tornando o seco em lodo
E as tuas águas são vida.*

*Os reflexos
vindos de ti são belos
E me faz sonhar.*

*E este lugar
Que era do meu pai
Agora também é um pouco meu.*



Carlos Tenente reside em Azeitão. Começou a fotografar na adolescência, com máquinas descartáveis, nos passeios e viagens que fazia com os pais. A mãe dizia-lhe que até as pedras fotografava... Hoje em dia, continua a fotografar de tudo, consoante o seu estado de espírito: Retrato, Paisagem, Vida Animal, Macro, Astrofotografia. Esta arte representa uma paixão. Não se vê a passar sem ela. Se pudesse, era o que queria fazer em cada segundo da sua vida. Depois de ter experimentado vários tipos de câmeras e fabricantes, usa atualmente as OM System OM-1 e Olympus E-M1 mk3.



O Sol que batia na água fazia reflexos que eram contrastados com o verde das algas. Sabugal, 2022



Os reflexos das árvores na água pareciam-me
desenhos deixados por um Deus Maior.
Sabugal, 2022



Numa bela manhã de nevoeiro, este percurso do rio me fez parar e contemplar.
Sabugal, 2022



Nesta pequena cascata a cara que é desenhada pela água e pedras fez-me pensar no meu pai a brincar neste rio.
Sabugal, 2022

Caminhos dentro de nós

Texto e fotografias por **José Valverde**.

Instagram: **@jose.valverde2020**

Aos dez anos recebi, das mãos do meu pai, uma máquina fotográfica. Foi o primeiro contacto com esta forma de poesia das imagens que, para mim, é a fotografia. Tal como a poesia, a fotografia transporta-me para lugares, emoções e momentos!

A fotografia leva-me a caminhar! E este caminho não é apenas pelo objeto, pelo lugar, pelas pessoas ou pelas paisagens que registo. Transporta-me pelo caminho mais importante que estou destinado a fazer, o caminho da minha essência, do meu propósito, da forma como sinto a vida!

Fotografar, mais do que registar o que o meu olhar vê de forma única, é absorver e sentir o que estou a ver, as emoções, a espiritualidade daquele lugar, daquele momento. Sentir os elementos: a brisa, a chuva, os sons, a luz e ter a

humildade de aceitar que sou apenas uma parte de um todo maior que me transcende.

Na fotografia, tal como na vida, nem sempre se entende o caminho, o propósito... umas vezes tortuoso, fechado, difícil de ultrapassar, outras vezes tranquilo, sereno, apaziguador, permitindo-me vislumbrar que há mais caminhar.

Continuar e explorar outros caminhos, outros olhares, outro sentir, outras emoções e deixar-me levar pelo mistério do inacabado, saber que o mais importante não é chegar, o mais importante é o caminho.

Os caminhos começam dentro de nós, não têm destino algum, levam-nos onde quisermos ir.



José Valverde vive na Batalha, muito perto dos limites do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. É natural que seja precisamente aí, em pleno maciço calcário, que mais gosta de fotografar. A paisagem é aquilo que mais retrata, pela mensagem que lhe transmite, pelas emoções que sente quando está nela e por sentir que faz parte de um mundo que o transcende e fascina. Utiliza uma câmara digital sem espelho que lhe permite trabalhar com vários tipos de objetivas. Tem um especial fascínio por objetivas de focal fixa e objetivas “vintage” manuais que usa a maior parte das vezes. O prazer de fotografar passa por fazer a fotografia, observando pelo visor, compondo o que quer transmitir, focar manualmente, esperar pelo momento certo e, por fim, escutar o obturador.









Picos da Europa

Texto e fotografias por **Pedro Crispim**.

Instagram: **@tintadeluz**

Na infância, a minha relação com a fotografia não era a melhor. Se o estar atrás da câmara já me suscitava curiosidade, o figurar nas fotografias de família, realizadas nas férias e festas, era um verdadeiro pesadelo.

Recordo com saudosismo as primeiras tentativas, por volta dos meus 10 anos, de tentar registar “aquele” momento. Ou ficavam tremidas, ou demasiado sub ou sobre-expostas. O ensinamento recebido era de f/5.6 para a foto ficar focada e 1/125 para não ficar tremida. ISO era algo que sabia estar escrito nos rolos. Para fotografar à noite tinha de ter um rolo de 400 ASA. Nada mais sabia, mas quem me ensinara também não sabia mais.

Alenta-me saber hoje que as tentativas goradas, todas de desporto motorizado, foram resultado de um incorreto (lento) tempo de exposição.

Anos mais tarde (2004), já na era do digital,

surge a primeira dSLR. Mas só em 2013, por via da influência de amigos, a paixão se aflora novamente e, desta vez, de forma mais consciente e constante, mantendo-se até ao momento.

Atualmente, penso que ainda não “me encontrei” verdadeiramente neste percurso fotográfico, sendo a fotografia de paisagem e natureza, dentro dos estilos fotográficos onde já me aventurei, dos mais interessantes e que me obriga a parar, pensar, observar e, sobretudo, viajar.

E se viajar é sempre empolgante, fazê-lo para fotografar, acompanhado das pessoas certas, com gostos e objetivos comuns, torna tudo ainda mais especial. As fotografias que trago foram realizadas num desses momentos, com as pessoas certas no local certo. A grandeza do espaço fez-me sentir pequeno face à grandiosidade das escarpas de largas dezenas de metros que nos abraçam, tornando o local deslumbrante mas, ao mesmo tempo, intimidante.



Pedro Crispim começou a usar o modo manual em 2013. É nessa altura que, de forma consciente, passa a ajustar os parâmetros de abertura/diafragma, velocidade, ISO e distância focal, na tentativa de obter resultados diferentes. Para si, a fotografia representa uma forma de se expressar, tentando registar os momentos únicos que vai vivendo. Hoje em dia, pode ser encontrado, com alguma frequência, empunhando a sua Nikon (e a sua Fujifilm) no santuário de Fátima – devido a um projecto que se encontra a realizar – e no Paul do Boquilobo, onde faz fotografia de natureza e vida animal.

Por regra, tento não ver registos fotográficos dos locais que visito, não só porque sinto que me irão limitar, mas principalmente pela frustração que me provocam, ficando com a sensação de que os meus registos nunca conseguem evidenciar aquele olhar e aquela perfeição.

Se a técnica é algo que com ensinamentos se consegue, de forma simples e rápida, alcançar, a dificuldade julgo estar no olhar. Ver o que muitos outros não vêem e conseguir registá-lo.

Aqui a diferença, aqui o meu presente desafio.



Naranjo de Bulnes. Parque Nacional dos Picos da Europa, 2020



Playa do Silencio. Castañeras, Astúrias, 2020



Fuente Dé. Parque Nacional dos Picos da Europa, 2020



Puerto de Panderruedas. Parque Nacional dos Picos da Europa, 2020

Agenda.

WORKSHOPS & PASSEIOS

O calendário de workshops da Primeira Luz, para o primeiro semestre de 2023, já está disponível no [site](#). Para os que quiserem ir fotografar orquídeas com o **Luís Afonso** têm o workshop de **Macro - Flora Criativa** em março. Já o **Nuno Luís** propõe-se voltar ao **Sudoeste Alentejano** num passeio fotográfico em abril. As cegonhas, que por esta época do ano enchem as falésias escarpadas do litoral sul português, paisagens e praias de uma beleza única são o mote para este regresso.

O **Ângelo Jesus** vai realizar um [workshop de fotografia](#) de bosque nos dias 15 e 16 de abril nas **Serras do Porto e Santo Tirso**. É a oportunidade perfeita para aprender com quem sabe e para partilhar de um tempo magnífico entre os bosques mais bonitos da zona do Porto.

O **Mário Cunha** tem duas propostas para março/abril, sendo que a primeira delas está já esgotada. Seria uma oportunidade para ir fotografar o **Inverno na Serra da Estrela**, a 11/12 de março, mas terá de estar mais atento para o ano, se quiser arranjar um lugar. Mas ainda tem [vagas](#) para ir até à **Terra das Cegonhas**, em Almogrove, a 1 e 2 de abril, num evento co-liderado com o fotógrafo Jacinto Policarpo.

Mas se o seu anseio era mesmo ir até à Serra da Estrela não desespere, pois o **Miguel Serra** já tem as inscrições abertas para o seu passeio fotográfico **“Pelos Cores da Primavera”** a ter lugar em Manteigas de 14 a 16 de abril. Das cores primaveris que salpicam a rude paisagem, ao cervunal verdejante que adorna os cursos de água inquietos, não faltarão motivos de interesse fotográfico numa das mais bonitas paisagens

do nosso país. Inscrições para: trilhos.fotografia@serravale.pt

O **Tiago Mateus** vai fazer o seu primeiro workshop no **Parque Natural de Sintra-Cascais**, a 2 de abril e tem apenas 3 vagas. É [reservar](#) antes que esgote!

TOME NOTA

O **Mário Cunha** vai estar presente no ObservaRia 2023, de 13 a 16 de Abril em Estarreja, onde vai ser orador, ter uma exposição com o título “Diálogos” e dar um workshop.

Estão abertas as inscrições para o concurso **Generg – Fotógrafo de Natureza do Ano**. Mais informação e participação no [site](#) do festival In-situ - Vouzela. Até 31 de março.

O livro **“Aire e Candeeiros: Campo de Orquídeas Silvestres”** do Luís Afonso continua disponível na loja do seu [site](#), em modo pré-reserva. Tem data de lançamento marcada para março de 2023. Até ao seu lançamento, está com um preço promocional e os portes de envio são grátis.

Os Autores.



Ângelo Jesus

Gosta de subir as serras, mas é nos vales, junto dos rios, e no meio das árvores que encontra maior inspiração. Prefere explorar perto de casa, considerando a fotografia a expressão de uma experiência na natureza, assim como um ato de ligação e revelação.

angelojesusphoto.com



Luís Afonso

Gosta de fotografar perto de casa, em locais com os quais pode desenvolver uma relação de longa data, pois acredita que a fotografia de natureza pode e deve representar algo mais do que apenas “isto foi o que eu vi”.

luisafonso.com



Mário Cunha

Vê a natureza como um livro aberto e em constante mutação onde a luminosidade, contraste, geometria, cor e texturas mudam a todo o instante. O maior prazer está em encontrar potencial na paisagem para criar imagens que sejam um reflexo da sua essência.

mariocunhaphotography.com



Miguel Serra

A natureza é a sua maior inspiração, a Estrela a grande paixão. Dono de um olhar inicialmente mais desperto para a paisagem aberta, que ao longo dos anos foi moldado para uma vertente mais intimista dos lugares que conhece e quer respeitar.

miguelterra.net



Nuno Luís

Apassionado por arte, é através da fotografia que exterioriza aquilo que considera ser um retrato do seu “eu”. Na natureza, encontra o mote que dá alma e expressão a essa paixão sob a forma de narrativas visuais.

nunoluis.net



Ricardo Salvo

Fotografa ao sabor do que as emoções lhe ditam a cada momento, o que dificulta a escolha de um estilo. A Natureza mais crua consubstancia grande parte da matéria fotografável que encontra. Adora debater e pensar Fotografia enquanto arte, função e ciência.

ricardosalvo.com



Rúben Neves

Tem pela fotografia uma atração contemplativa, de emancipação e de liberdade, refletindo avidamente sobre a sua essência. É uma atividade que encara como uma fonte de retorno inigualável que consegue, maioritariamente, através da comunhão com o mundo natural.

[instagram.com/rubeneves](https://www.instagram.com/rubeneves)



Tiago Mateus

Em busca pelo belo e estranho, pelo invulgar e delicado, Tiago perde-se nas caminhadas pelas paisagens que o fascinam. Contudo, a sua arte não consegue escapar à sua própria natureza, retratando muitas vezes a singularidade das emoções e sensações humanas.

tiagomateusphotography.com

PERSPETIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.